ECONSTOR
Make Your Publications Visible.

A Service of

ZBW Leibniz-Informationszentrum Wirtschaft
Leibniz Information Centre for Economics

Silva, Enid Rocha Andrade; Rezende, Valéria

Working Paper

A representação social do estudo e do trabalho na vida cotidiana de jovens de classes populares

Texto para Discussão, No. 2685

Provided in Cooperation with:
Institute of Applied Economic Research (ipea), Brasília

Suggested Citation: Silva, Enid Rocha Andrade; Rezende, Valéria (2021) : A representação social do estudo e do trabalho na vida cotidiana de jovens de classes populares, Texto para Discussão, No. 2685, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, https://doi.org/10.38116/td2685

This Version is available at:
https://hdl.handle.net/10419/243038

Standard-Nutzungsbedingungen:

Die Dokumente auf EconStor dürfen zu eigenen wissenschaftlichen Zwecken und zum Privatgebrauch gespeichert und kopiert werden.

Sie dürfen die Dokumente nicht für öffentliche oder kommerzielle Zwecke vervielfältigen, öffentlich ausstellen, öffentlich zugänglich machen, vertreiben oder anderweitig nutzen.

Sofern die Verfasser die Dokumente unter Open-Content-Lizenzen (insbesondere CC-Lizenzen) zur Verfügung gestellt haben sollten, gelten abweichend von diesen Nutzungsbedingungen die in der dort genannten Lizenz gewährten Nutzungsrechte.

Terms of use:

Documents in EconStor may be saved and copied for your personal and scholarly purposes.

You are not to copy documents for public or commercial purposes, to exhibit the documents publicly, to make them publicly available on the internet, or to distribute or otherwise use the documents in public.

If the documents have been made available under an Open Content Licence (especially Creative Commons Licences), you may exercise further usage rights as specified in the indicated licence.

WWW.ECONSTOR.EU

Mitglied der Leibniz-Gemeinschaft

TEXTO PARA DISCUSSÃO

2685

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO ESTUDO E DO TRABALHO NA VIDA COTIDIANA DE JOVENS DE CLASSES POPULARES

ENID ROCHA

VALÉRIA REZENDE

ipea

TEXTO PARA DISCUSSÃO

2685

Rio de Janeiro, agosto de 2021

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO ESTUDO E DO TRABALHO NA VIDA COTIDIANA DE JOVENS DE CLASSES POPULARES

ENID ROCHA[1]

VALÉRIA REZENDE[2]

1. Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea.

2. Pesquisadora do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Disoc/Ipea.

Governo Federal

Ministério da Economia
Ministro Paulo Guedes

ipea **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
CARLOS VON DOELLINGER

Diretor de Desenvolvimento Institucional
MANOEL RODRIGUES JUNIOR

Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia
FLÁVIA DE HOLANDA SCHMIDT

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas
JOSÉ RONALDO DE CASTRO SOUZA JÚNIOR

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais
NILO LUIZ SACCARO JÚNIOR

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura
ANDRÉ TORTATO RAUEN

Diretora de Estudos e Políticas Sociais
LENITA MARIA TURCHI

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais
IVAN TIAGO MACHADO OLIVEIRA

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação
ANDRÉ REIS DINIZ

OUVIDORIA: http://www.ipea.gov.br/ouvidoria
URL: http://www.ipea.gov.br

Texto para Discussão

Publicação seriada que divulga resultados de estudos e pesquisas em desenvolvimento pelo Ipea com o objetivo de fomentar o debate e oferecer subsídios à formulação e avaliação de políticas públicas.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2021

Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990-

ISSN 1415-4765

1.Brasil. 2.Aspectos Econômicos. 3.Aspectos Sociais. I. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CDD 330.908

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

JEL: J15; J16; J18.
DOI: http://dx.doi.org/10.38116/td2685

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO 6

2 INFORMAÇÕES METODOLÓGICAS 8

3 CARACTERIZAÇÃO DA COMPOSIÇÃO FINAL DOS PARTICIPANTES 10

4 NÚCLEO CENTRAL DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE ESTUDO E TRABALHO PARA OS DIFERENTES GRUPOS FOCAIS 13

5 ESTUDO, TRABALHO, DIFICULDADES E PREOCUPAÇÕES ENTRE OS JOVENS DE TRAJETÓRIA TÍPICA 15

6 AS JOVENS MULHERES DE TRAJETÓRIA ATÍPICA: ENTRE A FAMÍLIA, O SONHO DE VOLTAR A ESTUDAR E A NECESSIDADE DE TRABALHAR 36

7 CONCLUSÃO 57

REFERÊNCIAS 62

SINOPSE

Neste artigo, analisamos o papel das atividades de trabalho e estudo no cotidiano de jovens entre 18 anos e 24 anos, residentes em famílias de baixa renda na cidade de Recife, Pernambuco. O sonho de continuar estudando ou de retomar a trajetória de estudos está presente como elemento central na vida de todos os jovens pesquisados, representando a grande esperança de mobilidade social, mesmo para aqueles que estavam sem trabalhar e sem estudar.

Palavras-chave: juventude; educação; mercado de trabalho; gravidez precoce; desigualdade; pobreza.

ABSTRACT

In this article, we analyze the role of work and study activities in the daily lives of young people aged 18 to 24, who live in low-income families in the city of Recife, Pernambuco. The dream of continuing to study or resuming the trajectory of studies is present as a central element in the lives of all young people surveyed, representing the great hope of social mobility, even for young people who were not studying and not employed.

Keywords: youth; education; labor market; early pregnancy; inequality; poverty.

1 INTRODUÇÃO

Os dados qualitativos que serão analisados neste artigo foram produzidos no âmbito do projeto Millennials na América Latina e no Caribe, que envolveu a participação de sete países da região na realização de amplo levantamento, com o objetivo de compreender como os jovens desenvolvem suas aspirações e expectativas de trabalho e estudo. No Brasil essa pesquisa foi realizada pelo Ipea, e seu desenvolvimento contemplou etapas quantitativa e qualitativa, realizadas junto a jovens moradores da cidade de Recife.[1]

A análise aqui realizada tem como base a teoria das representações sociais, de Moscovici (1978 *apud* Sá, 1996),[2] por meio da qual é possível compreender as tensões existentes entre o contexto social e individual de determinado grupo. De acordo com essa teoria, as representações sociais são um corpo de conhecimentos, conceitos, valores e imagens que um grupo de pessoas associa a um fenômeno ou assunto.

Há um consenso entre os estudiosos desse campo de que representação social é um conceito complexo, difícil de ser expresso a partir de poucas palavras (Sá, 1996). Por essa razão, Jodelet (2001), buscando simplificar, afirmou que as representações sociais devem ser estudadas a partir da articulação dos elementos afetivos, mentais e sociais, em integração com as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa que se deseja compreender. Para a autora, as representações sociais são uma forma de conhecimento prático que vincula um sujeito a um objeto, ou seja, são sempre uma representação de algo por alguém.

Para Abric (1994), o conteúdo das representações sociais é organizado em torno de um núcleo central formado por alguns elementos que têm significados consensuais. Esse núcleo central estaria associado a memórias coletivas, resistentes à mudança. Em torno dele gravitariam elementos periféricos mais flexíveis a mudanças do contexto. Ao falarem de sua vida cotidiana, por exemplo, os jovens se referem às atividades de estudo, trabalho,

1. A parte quantitativa da pesquisa consistiu em 1.488 entrevistas domiciliares, com a aplicação de dois questionários estruturados e foi realizada entre os meses de abril de 2018 e maio de 2018.

2. Moscovici, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

família, lazer como esferas da vida permeadas de interpretações, com algumas delas trazendo preconceitos socialmente construídos.

Por exemplo, o estereótipo formado em torno dos jovens que não estudam e não trabalham, conhecidos como jovens "nem-nem", carrega um julgamento negativo, compartilhado socialmente, do qual emerge a crença reforçada pelo senso comum de que os jovens sem estudo e sem trabalho são preguiçosos e improdutivos. Em contraste, os jovens que estudam, trabalham ou conciliam estudo e trabalho gozam de prestígio social por serem considerados "esforçados", produtivos e responsáveis.

Ademais, outro valor compartilhado socialmente é o de que estudo e trabalho são os únicos mecanismos lícitos para as classes populares ascenderem socialmente. Nessa linha de pensamento, acredita-se que, quanto maior a escolaridade, maior será a chance de profissionalizar-se em atividades com *status* social mais elevado, que auferem melhores salários. Dessa forma, crenças e valores formam visões de mundo e projetos políticos que têm força para moldar comportamentos e ações de indivíduos, constituindo-se em pilares de identidades sociais de um grupo.

Qual a estrutura da representação social das atividades de estudar e de trabalhar na vida de jovens que compartilham de uma mesma classe social mas que se diferenciam em relação a maior ou menor sucesso em suas trajetórias escolares? Quais seriam os valores e as crenças que suportam seus cotidianos e reforçam a hierarquia ou a prioridade entre estudar e trabalhar na vida desses jovens?

Para as jovens que estão sem estudar e sem trabalhar e cuidam dos afazeres domésticos, qual o lugar do estudo e do trabalho remunerado em suas vidas cotidianas, em suas expectativas e seus sonhos para o futuro? Teriam vontade de retomar os estudos e de trabalhar fora do domicílio? Como as atividades de estudar e de trabalhar se relacionam com os sonhos e expectativas dos jovens de baixa renda? São questões como essas que este artigo procurará responder, a partir da análise de conteúdo dos grupos focais realizados, tendo como ponto de partida o estudo da estrutura das representações sociais de estudar e de trabalhar na rotina de vida dos jovens participantes da pesquisa.

Mais especificamente, seguindo as premissas do aporte teórico de Jodelet (2001) acrescentadas à teoria de representação social, esta análise buscará compreender: i) o conteúdo e a estrutura da representação social das atividades de estudar e de trabalhar na rotina e no cotidiano de jovens entre 15 anos e 24 anos, integrantes de famílias de classes populares; e ii) os elementos centrais das representações sociais entre jovens de diferentes faixas etárias que percorreram dois tipos diferentes de trajetórias escolares: a "trajetória típica", que inclui os grupos de jovens entre 15 anos e 24 anos, de ambos os sexos, que não vivenciaram eventos de abandono e de repetição de série, isto é, nunca "repetiram de ano" ou ficaram períodos sem frequentar a escola; e a "trajetória atípica ", que comtempla os grupos de jovens mulheres entre 15 anos e 24 anos cujo percurso escolar inclui repetências e períodos de abandono e evasão escolar.

A ideia deste estudo não é propor generalizações a partir dos grupos focais analisados, mas apreender os significados das atividades de estudar e de trabalhar na rotina e no cotidiano de jovens de classes populares, desvendando elementos que ajudam a compreender suas motivações, suas fontes de apoio, suas dificuldades e os desafios que enfrentam em suas trajetórias de estudo e de trabalho rumo a uma vida adulta independente. Afinal, a ampliação do conhecimento sobre as estratégias e as atitudes dos jovens, frente ao estudo e ao trabalho nos contextos familiar, social e econômico em que vivem pode contribuir para o processo de elaboração de políticas públicas mais adequadas para apoiar os jovens em trajetórias de estudo e trabalho mais bem-sucedidas.

2 INFORMAÇÕES METODOLÓGICAS

A técnica escolhida para a abordagem qualitativa foi a discussão em grupos focais pelo fato de esse método permitir contemplar diferentes perspectivas de uma mesma questão e compreender práticas cotidianas, atitudes e comportamentos compartilhados por pessoas que apresentam traços e características comuns. Para orientar o desenvolvimento das discussões em grupo foi elaborado um roteiro semiestruturado abordando os seguintes temas: i) vida atual

(rotinas e sentimento de ser jovem hoje no Brasil); ii) trajetória de vida (momentos marcantes e percurso de estudo e trabalho); iii) aspirações e expectativas; e iv) dificuldades e apoios.[3]

Os jovens participantes da pesquisa foram distribuídos em grupos de discussão de acordo com a faixa etária e suas inserções em trajetórias educacionais "típicas" ou "atípicas", conforme explicado anteriormente. Essa segmentação teve como objetivo comparar as duas trajetórias e identificar possíveis fatores facilitadores e dificultadores que poderiam estar contribuindo para que as atividades de estudar e de trabalhar tenham adquirido significados distintos para jovens da mesma classe social.

A etapa qualitativa foi constituída por um total de seis discussões em grupo, com jovens dos sexos masculino e feminino, entre 15 anos e 24 anos, renda domiciliar *per capita* entre um quarto e meio salário mínimo nacional, que correspondem ao primeiro e segundo quintil de renda da cidade de Recife. A composição final dessa etapa contou com a participação de 49 jovens. Desses, 24 estavam alinhados aos parâmetros de trajetórias típicas e 25 estavam de acordo com as características de trajetórias atípicas. Cada um dos três grupos realizados com jovens de trajetória típica foi composto por oito participantes, igualmente distribuídos entre homens e mulheres. Já os três grupos com jovens de trajetória atípica incluíram apenas a participação de mulheres, sendo um com nove jovens entre 15 anos e 18 anos; um com sete jovens entre 19 anos e 21 anos; e um com nove jovens entre 22 anos e 24 anos.

A composição dos grupos de trajetória atípica apenas com mulheres foi intencional e visou aprofundar a compreensão do fenômeno do abandono escolar e das maiores dificuldades de inserção laboral de jovens mulheres devido às responsabilidades familiares e à dedicação de cuidados a pessoas no domicílio. No Brasil, e mais especificamente na região Nordeste, os jovens sem estudo e sem trabalho são majoritariamente mulheres, e o principal motivo para se encontrarem nessa situação é a responsabilidade pelos afazeres domésticos. Por isso, o método priorizou a escuta de um número maior de jovens mulheres nessa situação em diferentes faixas etárias.

3. A responsável pela moderação de todos os grupos foi a psicóloga Juliana Duarte, que é mestra em métodos de pesquisa pela University of Westminster, em Londres, Reino Unido.

3 CARACTERIZAÇÃO DA COMPOSIÇÃO FINAL DOS PARTICIPANTES[4]

Em relação ao sexo, a amostra ficou constituída por 37 mulheres e 12 homens. A maior quantidade de mulheres reflete a escolha de constituição de três grupos femininos formados por jovens mulheres com trajetória atípica, que também se dedicavam aos cuidados e afazeres familiares. No tocante à faixa etária, a composição ficou mais equilibrada, pois contou com dezessete jovens de 15 anos a 18 anos, quinze jovens na faixa etária entre 19 anos e 21 anos e dezessete no grupo de 22 anos a 24 anos.

Quanto ao estado civil e a maternidade, registra-se notável diferença entre os jovens de acordo com a trajetória educacional percorrida. Entre os jovens da trajetória típica, todos os participantes declararam ser solteiros e não ter filhos. Já nos grupos da trajetória atípica, composto integralmente por mulheres, uma única participante declarou ser casada. No entanto, seis dessas jovens declararam ter filhos, com idades que variam de 1 ano a 4 anos. Uma das jovens afirmou estar grávida de seis meses e outra relatou ter perdido um filho meses após o nascimento. O número de pessoas por domicílio dos participantes apresenta muita variação, com um mínimo de duas pessoas e um máximo de sete. A média, no entanto, é de 4,5 moradores por domicílio. Os relatos nos grupos indicaram ainda que nos núcleos familiares convivem as gerações dos avós e também as gerações em linha, como tios, primos e sobrinhos.

Em relação à região político administrativa (RPA) das moradias dos participantes da pesquisa qualitativa, os jovens selecionados moram em localidades que concentram domicílios de baixa renda de Recife. Os bairros contemplados foram: Santo Amaro (RPA 1 – Centro); Água Fria, Campo Grande e Dois Unidos (RPA 2 – Norte); Nova Descoberta e Vasco da Gama (RPA 3 – Nordeste); Iputinga, Torrões e Várzea (RPA 4 – Oeste); Jardim São Paulo, Afogados e Barro (RPA 5 – Sudoeste); Ibura, Pina, Boa Viagem, Imbiribeira e Cohab (RPA 6 – Sul).

Os níveis de escolaridade indicados pelos participantes refletem e se alinham à diversidade das faixas etárias pesquisadas. No caso dos jovens de trajetória típica, a distribuição atesta o

4. A fonte para a caracterização final do conjunto de participantes são as informações fornecidas pelos jovens no momento do recrutamento, registradas em formulários específicos, e os relatos expressos durante as discussões nos grupos focais.

fato de que a maioria dos participantes de 15 anos a 18 anos está cursando o ensino médio enquanto a maioria dos participantes de 19 anos a 24 anos encontra-se em variadas etapas da graduação. Com relação às jovens de trajetória atípica, os números indicam os momentos de interrupção no percurso dos estudos, apontando para uma tendência de concentração após a conclusão do ensino médio. Em relação ao último ano de estudos concluído, enquanto os jovens que apresentavam trajetória típica tendiam à distribuição em variadas etapas ao longo da jornada, aquelas jovens que integraram os grupos de trajetória atípica tenderam a se concentrar em período de interrupção após a conclusão do terceiro ano do ensino médio.

O formulário de recrutamento dos participantes também perguntava sobre a ocorrência de interrupção no percurso escolar e de repetência, uma vez que ter uma trajetória com intercorrências de abandono, evasão e repetência era um pré-requisito para participar dos grupos de trajetória atípica. Dessa forma, entre as 25 jovens desse grupo, dezessete declararam já ter repetido alguma série, em geral entre o oitavo ano do ensino fundamental e o segundo ano do ensino médio; e dezesseis jovens afirmaram que interromperam os estudos pelo menos uma vez ao longo de suas trajetórias, sendo que nove interromperam duas vezes.

Por sua vez, os jovens integrantes dos grupos de trajetória típica distribuem-se nas diferentes séries adequadas às suas faixas etárias. Como vão de 15 anos a 24 anos, as faixas etárias dos grupos são compatíveis com o ensino médio e a graduação, de modo que, do total de 24 jovens participantes, quatorze, quase 60%, se encontravam entre o terceiro ano do ensino médio e o segundo ano da graduação. Todos os jovens integrantes da trajetória típica estavam estudando, com exceção de dois participantes que já tinham terminado a graduação e, no momento, estavam apenas trabalhando.

Entre aqueles que se encontravam cursando ensino superior, os cursos de graduação que estavam realizando eram bastante diversificados: letras (3); pedagogia (2); administração (2); ciências contábeis (1); gestão financeira (1); turismo (1); fisioterapia (1); engenharia elétrica (1); engenharia florestal (1); engenharia de materiais (1); e tecnólogo radiologia (1).

Com relação à situação de trabalho, 65% do total de jovens participantes da pesquisa (trinta e dois jovens) declararam não estar trabalhando. A maior parte dos jovens de trajetória típica era apenas estudante. Já as jovens integrantes dos grupos de trajetória atípica eram

responsáveis pelos afazeres domésticos e pelos cuidados de crianças e idosos da família. Entre os dezessete jovens que declararam estar exercendo atividades remuneradas, apenas dois tinham carteira assinada; seis trabalhavam na informalidade; cinco eram autônomos; e quatro faziam estágio.

O quadro 1 apresenta a composição final de cada um dos quatro grupos que serão considerados nesta análise. Observa-se que 2 dos 6 grupos foram agrupados em um único grupo. Isso ocorreu porque, no decorrer das discussões dos grupos focais e da análise dos resultados, foi observado que a diferença, de apenas dois anos, existente entre os grupos formados pelos jovens de 19 a 21 anos e pelos de 22 a 24 anos, não trazia marcadores importantes em suas rotinas de vida e em suas trajetórias educacionais e de trabalho. Desta forma, para cada uma das trajetórias – típicas e atípicas – foi criado um novo grupo que agrega os jovens de 19 a 24 anos.

QUADRO 1

Composição dos grupos analisados, segundo a faixa etária e o percurso escolar e de trabalho

Trajetória	Grupo etário	Total de participantes	Atividade principal	Nível socioeconômico
Típica	15 anos a 18 anos (misto)	8 (4 homens e 4 mulheres)	Só estudando (últimos dois anos de educação básica)	Quintil 2 de renda domiciliar de Recife
Atípica	15 anos a 18 anos (feminino)	9	Não estudando, trabalhando ou buscando trabalho. Conciliando estudo e trabalho	Quintil 2 de renda domiciliar de Recife
Típica	19 anos a 24 anos misto (fusão dos grupos de 19 anos a 21 anos e 22 anos a 24 anos)	16 (8 homens e 8 mulheres)	Estudando, fazendo graduação. Estudando, conciliando graduação e trabalho. Já concluíram a graduação e estão trabalhando ou procurando trabalho.	Quintil 2 de renda domiciliar de Recife
Atípica	19 anos a 24 anos feminino (fusão dos grupos de 19 anos a 21 anos e 22 anos a 24 anos)	16	Não estudando, só trabalhando ou procurando trabalho. Não estudando, nem trabalhando. Nunca ingressaram na graduação ou são desertoras da graduação,	Quintil 2 de renda domiciliar de Recife

Elaboração das autoras.

4 NÚCLEO CENTRAL DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE ESTUDO E TRABALHO PARA OS DIFERENTES GRUPOS FOCAIS

Os subsídios para a identificação do núcleo central da representação social sobre estudo e trabalho na vida dos jovens foram levantados durante a dinâmica com os grupos focais. Como método, logo após as apresentações dos participantes, a moderadora pedia para que os jovens contassem "como é sua vida hoje". Em seguida, deixava a conversa seguir livremente durante vinte minutos, aproximadamente. Esse método foi repetido para cada um dos grupos e gerou um material muito rico para análise e identificação do núcleo central. Todos os resultados foram filmados e transcritos. Posteriormente, com a ajuda da ferramenta *word list* do *software* Atlas TI, as respostas à questão "como é sua vida hoje", contidas na transcrição de cada grupo, foram ordenadas e tiveram suas frequências contabilizadas.

Em seguida, foram excluíram-se as preposições, os artigos, os pronomes e os verbos de ligação, gerando uma nova lista de palavras, a qual foi utilizada para análise da estrutura representacional a partir da técnica que considera os critérios de saliência (frequência média das palavras) e relevância (ordem média em que as palavras foram pronunciadas pelos jovens). As palavras que passaram nos dois critérios – saliência e relevância – foram agregadas por associação temática para a construção de categorias que, potencialmente, poderiam se constituir no núcleo central da representação social dos jovens participantes. Esse método foi realizado para a análise dos resultados de cada grupo de discussão. Na tabela 1 encontram-se os resultados da identificação do núcleo central para cada um dos grupos etários.

Conforme se observa pelas informações contidas na tabela 1, os grupos femininos de 15 anos a 18 anos e de 19 anos a 24 anos de trajetória atípica tiveram 13 e 23 palavras, respectivamente, que passaram nos critérios saliência e relevância. Essas palavras foram agregadas pelo critério de associação temática nas categorias família, estudo e trabalho, mostrando que esses três temas povoam a realidade, a rotina e o cotidiano da vida atual das jovens participantes desses grupos.

TABELA 1

Síntese da identificação dos núcleos centrais, segundo cada um dos grupos focais

Especificações	Grupo de 15 anos a 18 anos feminino atípico	Grupo de 19 anos a 24 anos feminino atípico	Grupo de 15 anos a 18 anos misto típico	Grupo de 19 anos a 24 anos misto típico
Número total de palavras	1.118	1.961	1.736	1.768
Total de palavras distintas	389	584	549	533
Total de palavras após exclusões	130	269	211	145
Saliência (frequência média)	> 2,9	> 4,98	> 2,51	> 6,01
Relevância (ordem média)	> 3,6	< 2,06	< 2,3	< 3,05
Total de palavras que passaram nos critérios saliência e relevância	13	23	12	13
Categorias	Família	Família	Estudo	Estudo
	Estudo	Estudo	Dificuldades/ preocupações	Dificuldades/ preocupações
	Trabalho	Trabalho		Trabalho

Elaboração das autoras.

Nos grupos dos jovens de 15 anos a 18 anos e de 19 anos a 24 anos de trajetória típica, foram encontradas 12 e 13 palavras, respectivamente, na intersecção dos critérios saliência e relevância. Entre os jovens de 15 anos a 18 anos, as palavras se associaram em torno das categorias estudo e dificuldades/preocupações. Por sua vez, entre os jovens de 19 anos a 24 anos emergiram três categorias: estudo, dificuldades/preocupações e trabalho.

Como se nota, a categoria estudo se repete em todos os grupos, demonstrando que as questões que orbitam em torno do estudo estão muito presentes na vida dos jovens, mesmo entre aqueles que, no momento da pesquisa, estavam sem estudar. A categoria trabalho, por sua vez, também está presente em três dos quatro grupos analisados. Apenas para os jovens de 15 anos a 18 anos integrantes da trajetória típica as questões relacionadas ao trabalho não se mostraram importantes a ponto de se constituírem em categoria. Finalmente, para os dois grupos que percorriam uma trajetória típica, foi necessário criar a categoria dificuldades/preocupações, que, como será discutido mais adiante, apareceu na discussão por meio de palavras que expressavam sentimentos pouco positivos no momento atual da vida dos jovens.

Importante esclarecer desde já que, embora a categoria família não tenha se constituído em elemento central na rotina dos jovens de trajetória típica por meio do método de relevância

e saliência, a análise de conteúdo dos grupos focais identificou que as famílias jogam papel relevante na conformação da trajetória escolar e de trabalho desses jovens. A importância da família para os jovens com trajetórias mais bem-sucedidas na escola é marcadamente notada nas motivações citadas para o não abandono da escolarização.

5 ESTUDO, TRABALHO, DIFICULDADES E PREOCUPAÇÕES ENTRE OS JOVENS DE TRAJETÓRIA TÍPICA[5]

5.1 Jovens de 15 anos a 18 anos

Esse grupo foi composto por oito jovens entre 15 anos e 18 anos, sendo quatro homens e quatro mulheres. São jovens que haviam conseguido, até aquele momento, manter um percurso de estudo sem nunca terem repetido série ou interrompido ou abandonado a escola, possuindo rotinas diárias centradas nos estudos. Conforme definição dos critérios de recrutamento, todos são apenas estudantes e não realizam trabalho remunerado. A maior parte está no ensino médio, em período integral ou semi-integral. Alguns ainda afirmaram que realizam cursos adicionais. O cotidiano é, em geral, percebido como corrido e cansativo. Os relatos indicam que alguns cultivam o desejo de poder começar a trabalhar, mas que estão priorizando os estudos. Outros relataram que gostariam de ter mais tempo para lazer e descanso.

Como pode ser observado pelas informações contidas no quadro 2, os elementos centrais da estrutura de representação social de estudo e trabalho para esses adolescentes foram agregados em duas categorias: i) estudo e ii) preocupações/dificuldades. O vocabulário central desses jovens envolve um conjunto de palavras relacionadas a educação, ensino e aprendizado, além de outras palavras que dão um sentido às primeiras na forma de dificuldades e preocupações com o desempenho escolar.

5. Por uma questão de confidencialidade, os nomes de participantes que constam nesta seção são todos fictícios.

QUADRO 2

Grupo de 15 anos a 18 anos (trajetória típica): categorias e palavras que passaram nos critérios saliência e relevância

Estudo	Dificuldades/preocupação
Aprendizado	Dificuldades
Educação	Desempenho
Estudar	Desistência
Ensino	
Formando	
Médio	
Classes	
Letivo	
Integral	

Elaboração das autoras.

5.1.1 Presença da família

A maioria dos jovens desse grupo relatou eventos marcantes e sofridos no entorno familiar, fatos que causaram muito sofrimento mas que haviam conseguido superar. Em geral, apesar dos problemas vivenciados, esses jovens relataram que sempre há alguém na família – que pode ser da família extensa, como os avós ou um tio – que o incentivava a estudar e a não desistir.

Um dos jovens relata que a separação dos pais marcou muito sua vida, principalmente porque a mãe estava desempregada. Destaca, porém, que a mãe conseguiu superar a situação após ter voltado a estudar e a conseguir um trabalho.

> Quando meu pai se separou da minha mãe, eu ainda era criança. Isso para mim foi muito ruim, porque minha mãe estava desempregada e eu não estudava na época. Foi difícil. Aí, depois de cinco anos, minha mãe voltou a estudar e aí conseguiu começar a trabalhar e depois de cinco anos eles voltaram (Carlos).

O convívio com o vício e a miséria também foi muito destacado, mas sempre acompanhado de uma fala de superação. Os pais de Sandro, por exemplo, de acordo com seu relato, deixaram o vício com a ajuda da igreja.

> No começo, meu pai era viciado, meu pai e minha mãe. Aí faltavam muitas coisas em casa, e eu também não dava muito valor para o meu estudo. Aí graças a Deus eu encontrei dois homens, e eles levaram meu pai e minha mãe para a igreja, e aí eles saíram dessa vida (Sandro).

Também foram muito presentes os relatos sobre dificuldades vivenciadas pelo desemprego dos pais. Essas dificuldades eram narradas juntamente com a descrição da luta das mães, em geral separadas e sem contar com a ajuda e o apoio financeiro dos pais dos filhos, para conseguirem manter o sustento da casa. A violência também fez parte das histórias dos adolescentes desse grupo. No trecho a seguir, a Raquel relata episódios de violência contra sua mãe, a única provedora da família.

> Eu sempre morei com a minha mãe, porque eles se separaram quando eu tinha dois anos de idade. A minha mãe tem quatro filhos, contando comigo. E ela sempre lutou para ter as coisas da vida dela, para sustentar a gente, porque ela estava desempregada, não tinha emprego e aí a minha vida sempre foi muito turbulenta, muito agitada, sabe, agora que tranquilizou. Ela bebia, tinha um homem batia nela, e aquilo ali mexeu muito comigo. No psicológico, sabe. Eu via as pessoas dando na minha mãe, criando confusão, e aquilo ali parecia uma vida muito agitada (...). E um dia isso passou, porque tudo passa na vida (Raquel).

Estudos anteriores mostram que a família exerce papel fundamental na etapa escolar de crianças e adolescentes, por meio do acompanhamento do desempenho escolar de seus filhos e do valor que concedem aos professores e à escola (Picanço, 2012). Como se depreende dos relatos anteriores, as famílias passaram por problemas financeiros, sofreram violências, e essas situações provocaram muito sofrimento nesses jovens. Mesmo assim, nenhum dos jovens desse grupo abandonou a escola, interrompeu os estudos ou precisou repetir séries. Ou seja, os problemas e as dificuldades vivenciadas não causaram prejuízos aparentes na trajetória escolar desses jovens.

Talvez isso se deva ao fato de sempre ter existido alguém na família ou na comunidade que os incentivava a estudar e que os pais, apesar de não terem estudado, valorizavam os estudos e se sacrificavam financeiramente para que os filhos apenas estudassem e não

trabalhassem até, pelo menos, concluírem o ensino médio. A partir de então, começariam as cobranças para entrarem no mercado de trabalho. No caso do Carlos, eram os tios que o incentivavam a não abandonar os estudos, ajudando, inclusive, financeiramente com o pagamento de escolas particulares.

> Eu nem posso pensar em parar de estudar porque, na minha infância, meus tios pagavam escola particular para mim. E como eu tenho muitos primos, para a família, eu meio que era o exemplo, por terminar o ensino médio cedo, essas coisas. Para mim, isso não deveria ser assim, porque eu também sou uma pessoa que erro, mas pensar em desistir seria meio que uma guerra na família. Todo mundo ia cair em cima de mim, pensar um monte de coisa e, por esse motivo, mesmo que eu quisesse algum dia parar de estudar, eu não poderia (Carlos).

No caso da Ângela, o apoio também vinha por parte da família extensa.

> Se eu fosse pensar em desistir, acho que minha tia não deixava, porque minha tia é minha vizinha, ela mora do lado da minha casa. E minhas duas tias são professoras. E elas sempre pegavam no pé, as duas. Mesmo com situações complicadas, sempre me apoiaram (Ângela).

5.1.2 A aversão à conduta de risco

Muitos estudos identificaram determinada associação entre comportamento/conduta de risco e evasão e abandono escolar (Moura, Priotto e Guerin, 2018). Condutas de risco são aquelas que contribuem para as principais causas de problemas sociais, morbidade, mortalidade entre jovens, tais como: violência não intencional; uso de tabaco; consumo de bebidas alcóolicas e outras drogas; comportamento sexual que pode resultar em gravidez indesejada ou em doenças sexualmente transmissíveis; entre outros (Guedes e Lopes, 2010). Os adolescentes de 15 anos a 18 anos participantes desse grupo de trajetória típica demonstraram certa aversão a condutas de risco, ao mesmo tempo em que expressaram que cada um é responsável por sua conduta. Afinal, não é porque um amigo usa droga que se deve segui-lo.

> Na escola sempre tem aquela turma que usa droga e que fica chamando a pessoa para provar, né, dentro do banheiro. Eu tinha um colega, ele foi influenciado e ele acabou indo. Aí ele saiu da escola e deu para traficar. Foi em 2016 isso, quando ele parou de estudar. Acho que uns três meses depois assassinaram ele (Sandro).

> Já em relação a essas coisas, eu penso que você vai porque você quer, não porque seu amigo está chamando, porque você sabe que é errado. Você está indo porque você quer e não porque tem alguém falando no seu ouvido: "vamos, é bom". Curiosidade matou o gato, né? Eu penso dessa forma (Raquel).

> Na escola tinha muitas meninas que estavam usando droga no banheiro, e outras iam também. É muito errado isso, usar essas coisas. Só porque um amigo chama, você tem que ir? Não. A gente só faz uma coisa se a gente tem certeza (Marina).

> Se quer usar droga, usa fora, porque na escola tem que ter respeito, né? A pessoa está ali para estudar, não para ficar usando droga e ficar louco. Essa é minha opinião. A maioria dos meninos vai para escola e fica lá no fundo, tudo drogado (José).

5.1.3 Razões para não desistirem de estudar

A temática relacionada aos estudos e à escola é aquela que obteve maior frequência e relevância nas discussões entre os jovens adolescentes desse grupo. Questões relacionadas ao estudo e à escola apareceram muitas vezes, como preocupação relacionada ao desempenho, como crítica à qualidade de ensino da escola pública, mas também como caminho ou saída para conseguirem um bom emprego ou entrarem na faculdade. Observa-se nesse grupo uma importante valorização dos estudos para a conquista dos seus sonhos. E sonhar com um futuro melhor do que o dos seus pais é o que, muitas vezes, os impulsiona a prosseguir estudando. A atividade de trabalhar, por sua vez, fica sempre adiada para depois da conclusão dos estudos, como explicam Sandra e Ângela.

> Meu professor de História vai fazer sessenta e três anos este ano, e ele diz que, para você realmente ter um pensamento formado, porque podem tirar tudo de

> você, menos o seu conhecimento, então, você tem que continuar estudando, buscando conhecer outras coisas. Por isso que eu tenho o sonho também de viajar o mundo, conhecer outras culturas (Ângela).

> Eu estava pretendendo trabalhar este ano, já estou no terceiro ano. Na verdade, desde o ano passado já estava querendo um emprego fixo. Eles estavam pensando em me contratar, aí já fui preparada, porque eu sabia que ia atrapalhar o meu estudo no horário. Vou esperar (Sandra).

O cotidiano desses jovens é preenchido pelas atividades escolares. Mesmo as meninas, que são responsáveis pelos cuidados familiares, não enfatizaram que essas atividades são pesadas a ponto de comprometer seus estudos.

> Eu também acordo cedo, sete horas da manhã, não, quer dizer, sete horas da manhã é a hora que eu saio para ir para escola. Quando saio da escola vou direto para o curso, aí procuro um lugar para almoçar na rua. E quando chego do curso, eu vou para minha aula de futebol ou de basquete. É assim de segunda a sexta (Sandro).

> Eu vou para escola de manhã e fico até meio-dia, aí vou buscar minha irmã na escola dela. Aí a gente vai para casa, almoçar, brincar um pouquinho, depois a gente vai para ginástica, volta, descansa e depois eu faço minhas atividades, né, tarefa de casa, essas coisas (Raquel).

5.1.4 A preocupação com a qualidade de ensino das escolas públicas

De longe, as principais preocupações e ansiedades desses jovens são em relação à qualidade do ensino e ao aprendizado adequado. Entre eles existe o reconhecimento de que as escolas públicas são fracas, que muitos professores estão desmotivados e não ensinam direito. A falta de qualidade de ensino pode, segundo esses jovens, prejudicá-los na tentativa de entrar na faculdade. No momento em que tiverem que fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), por exemplo, estarão competindo em desigualdade com alunos de escola particular. Assim, os adolescentes não pouparam críticas às escolas públicas que estudavam. Para Raquel a escola está fácil demais.

> Eu não sei explicar. Tem gente que falta à escola o ano todo e consegue passar de ano. Eu não entendo como pode. É desonesto com quem estuda e se sacrifica o ano todo. Se faltar o ano todo e tirar seis na recuperação, passa de ano (Raquel).

A preocupação com o Enem e a qualidade do ensino soma-se ao reconhecimento de que a qualidade da escola particular é melhor.

> Eu acho também que o ensino das escolas está bem ruim. No terceiro ano, os professores não estão dando muito assunto do Enem. Essas coisas também, prejudicam. Sendo que o nível que eles colocam o Enem, nem é o nível de escola pública. Você pega questões do Enem, é nível de escola particular e das muito boas. A gente é que tem que estar correndo atrás, indo para casa de amigo para estudar ou em cursinho, essas coisas (Marina).

Raquel e Carlos expressaram a angústia com a necessidade de aprenderem sozinhos, já que, segundo eles, a escola "só serve pra perguntar para o professor se está certo ou errado".

> A minha escola também está com pouco ensino, eles não dão muito assunto, e aí eu tenho que estudar sozinha. (...) porque a única coisa que conta na escola é perguntar para o professor se está certo ou errado, porque a gente que aprende sozinho. Eu mesma aprendo sozinha na maioria das vezes (Raquel).

> Às vezes, na minha escola, eu não aprendo com o professor ensinando. Eu só pego qual é o assunto. Aí eu chego em casa e vejo nas videoaulas, é assim que eu aprendo (Carlos).

> Por mais que as escolas públicas tentem treinar a gente e tal, não é a mesma coisa, não é o mesmo ensino [que nas escolas particulares]. A gente sempre está um pouco atrasado. Não é o mesmo ensino. E alguns professores estão lá, mas não estão, sabe como é? Estão, mas não estão dando uma aula. A maioria das vezes tem aquele assunto que é para dar todo ano, mas eles não conseguem dar, e o aluno passa sem saber (Daniel).

A má qualidade do ensino público leva a questionamentos sobre se o problema está na escola ou no aluno. Há, no entanto, o reconhecimento por parte dos jovens de que os

problemas no ensino e no aprendizado são estruturais e aconteceram antes da chegada no ensino médio.

> É porque o problema não está no ensino médio. Por exemplo, tem alunos que chegam ao primeiro ano e, quando a professora vai dar equação de primeiro grau, vê que eles não sabem nem somar, subtrair, dividir, e aí o professor tem que voltar aquilo tudo para poder chegar no assunto certo (Marina).

> Agora, isso que eu acho estranho. Se o aluno não sabe isso, como é que ele conseguiu chegar lá? (Carlos)

Estudos e pesquisas têm mostrado que entre as principais causas da evasão e abandono escolar encontram-se a baixa qualidade do ensino, que acaba desestimulando os alunos; as condições estruturais da escola; a falta de integralização dos conteúdos com o contexto do aluno; e o despreparo do docente (Santos 2007). O que vimos nas narrativas destacadas, no entanto, é que, apesar das expressivas críticas feitas à qualidade do ensino, os adolescentes desse grupo não abandonaram ou não desistiram de estudar, conquanto também tenham admitido já terem sentido vontade de desistir.

> Tem hora de desembaça,[6] tem tanto desembaço, que a pessoa pensa que vai ficar pra trás, achando que não vai dar certo e tenta desistir e depois volta. Eu acho que todo mundo já pensou em desistir um dia (Daniel).

> Eu já pensei. É cansativo ir todo dia para escola. E quando é integral, dependendo da escola... (José).

> Às vezes você acha que não tem capacidade, você acha que não é capaz de fazer aquilo. Ou então você tenta aprender e não consegue e tem que confiar em si mesmo (Marina).

> Você tenta entender um assunto, o professor explica, explica, explica e não entra na sua cabeça. Aí você pensa em desistir rapidinho (Carlos).

6. Desembaça é uma gíria nordestina que significa "sai da frente, sai de perto". Na narrativa em questão, o jovem a utilizou com o sentido de complicações, problemas. Ver: <http://dicionariopopular.blogspot.com/2010/12/d-d.html>.

Para não desistir, os adolescentes costumam mirar em seus sonhos de futuro, como a perspectiva de conseguir um bom trabalho ou de entrar em uma faculdade pública. Outros citam qualidades socioemocionais, como esforço, foco e força de vontade, que lhes dão sustentação quando a vontade de "largar tudo" aparece.

> Porque se você desistir, você nunca vai ser alguém na vida, até porque nunca vai poder ajudar em casa (Sandro).
>
> É porque quem desistir agora não vai ter um futuro muito bom. Você tem que pensar assim também, não é só pensar no presente, não. E a gente sabe que é capaz se a gente quiser. E se estudar. Só basta querer. Se a gente se esforçar (Raquel).

Os jovens também relataram que pensar em pessoas que tiveram sucesso porque estudaram e em outras pessoas, na própria família, que enfrentam problemas por falta de estudos, os ajuda a não desistir.

> Tem certas pessoas que dão exemplos, exemplos de vida, e a gente procura se espelhar nessas pessoas. Isso acaba dando uma forcinha para você não desistir. Pensar no nosso futuro, também. Por exemplo, você vê uma pessoa que está terminando os estudos, que está se formando, fazendo alguma coisa, aí você pensa: poxa, se eu desistir agora, vou acabar com a minha vida. E tem pessoas na família da gente também, que não têm nada, sabe. Por exemplo, minha mãe não trabalha, sabe, e eu quero fazer diferente. Por isso, às vezes, a gente quer sempre fazer a diferença no meio da nossa família (Ângela).

Outro fator sempre apontado como causa para o abandono escolar é a condição socioeconômica do aluno. De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais 2019, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a renda é um dos fatores que determinam os percentuais de abandono e atraso escolar dos jovens de 15 anos a 17 anos (IBGE, 2019). Em 2018, 11,8% dos jovens mais pobres tinham abandonado a escola sem concluir o ensino médio. Esse percentual é oito vezes maior que aquele observado para os jovens mais ricos (1,4%). Na defasagem idade-série, observa-se também extrema desigualdade entre jovens ricos e pobres, uma vez que quase um quarto dos jovens de 15 anos a 17 anos

estava na escola fora da etapa adequada no país, ou seja, não cursavam o ensino médio. Em 2018, o atraso escolar era quatro vezes maior entre os 20% da população com menores rendimentos domiciliares (33,6%) em comparação com os que faziam parte dos 20% com maiores rendimentos (8,6%).

Para os jovens participantes desse grupo, apesar de serem todos pobres, pertencentes a famílias que integram o universo dos 20% mais pobres da cidade de Recife, essa não foi a realidade encontrada. Nenhum dos adolescentes pesquisados apresentou intercorrências de abandono ou de repetição de séries.

Patto (1990), ao discutir as causas do fracasso escolar, destaca que, quase sempre, as teorias associam os insucessos escolares aos alunos. No entanto, a autora assevera a importância de se compreender o fracasso escolar a partir dos seus nexos constitutivos, que envolvem as dimensões políticas, históricas, socioeconômicas, ideológicas e institucionais. O fato de esses jovens conseguirem trilhar uma trajetória escolar sem intercorrências de abandono e de repetência, apesar do contexto socioeconômico adverso em que vivem, reforça a importância de se analisar o fracasso escolar para além da dimensão da renda familiar.

5.1.5 Dificuldades e preocupações dos jovens adolescentes

As categorias estudo e dificuldades e preocupações emergiram como elementos centrais da representação social sobre estudo e trabalho para os jovens adolescentes de trajetória típica. Nas discussões dentro desse grupo, foram citadas muitas palavras que se associaram a preocupações e dificuldades. Uma parte das preocupações, já destacada anteriormente, referiu-se ao que os próprios meninos e meninas chamaram de ensino fraco das escolas públicas. No decorrer das discussões, no entanto, novas formas de preocupações foram exteriorizadas. Entre outras, os jovens destacaram a insegurança e o medo da violência nas ruas.

> Eu não ando assustado, mas ando ligado. Da última vez, o cara passou por mim três vezes, aí eu: Ôxente, três vezes? Eu já fiquei pensando que era um assalto (Carlos).

> Em certos momentos, já que está tendo tanto assalto, tanto roubo, a gente acaba julgando a pessoa pela aparência. Às vezes, a pessoa te olha e você

> pensa que ela vai te assaltar... Mas ela está só achando você bonita ou que o seu cabelo está bonito e você acaba pensando que ela vai te roubar (Raquel).

Finalmente, entre os sentimentos de angústia e de preocupação, também foram relatados o medo do suicídio de amigos. Tal assunto, mencionado por Carlos, também trouxe à tona o relato de Marina, que admitiu que os sofrimentos vivenciados na família, na escola e com o namorado são tão profundos que a levaram também a pensar em suicídio e automutilação.

> Teve uma vez que eu estava na escola e a mãe de uma menina ligou e perguntou se ela estava comigo. Eu disse que não, aí depois ela ligou de novo, dizendo que a filha tinha se suicidado. Aí eu fui para casa dela, desesperado, e ela estava lá ... deitada ... morta (Carlos).

> Eu não sei se acontece com todo mundo, mas acredito que a maioria já pensou uma vez em se suicidar, sabe. Acontecem várias coisas, em casa, na escola, no namoro, é muita pressão na nossa cabeça. Acontecem várias coisas ao mesmo tempo, e você pensa: meu Deus, quero ir embora, me leva daqui. Como não dá para levar, então, a pessoa começa a se cortar (Marina).

5.1.6 Síntese dos elementos centrais da representação social de trabalho e estudo das adolescentes de 15 anos a 18 anos de trajetória típica

Como se nota, os elementos centrais da representação social definidos inicialmente no âmbito das categorias estudo e trabalho foram confirmados pela continuidade da análise das discussões transcorridas no grupo focal. Ficou bem demonstrada a importância dos estudos na vida dos jovens adolescentes de 15 anos a 18 anos, cuja ancoragem ocorre na sustentação de seus sonhos futuros de ter uma profissão, conseguir um emprego e não repetir a história de exclusão de pessoas da sua própria família.

A segunda categoria do núcleo central – preocupações e dificuldades – foi amplamente confirmada pelos relatos dos jovens citados no decorrer do texto, que demonstraram que, apesar da extrema importância dos estudos em suas vidas, a sua realização ocorre em meio a muitas dificuldades, vontade de desistência e sofrimentos pelo reconhecimento de saberem que não estão tendo uma educação de qualidade na escola em que frequentam. Ademais,

outra fonte de preocupação é o medo da violência que ocorre no entorno e no âmbito da própria escola.

Por fim, é importante destacar, que embora a família não tenha se constituído como elemento central nos critérios saliência e relevância para esse grupo, a análise de conteúdo mostrou que a família, principalmente a extensa, parece desempenhar papel importante na decisão desses jovens de continuar estudando. Essa importância fica clara, principalmente nas falas de alguns adolescentes que afirmaram não abandonar os estudos devido ao apoio de familiares, como tios e tias.

5.2 Jovens de 19 anos a 24 anos de trajetória típica

Este grupo é composto por dezesseis jovens entre 19 anos e 24 anos, sendo oito homens e oito mulheres.[7] Como critério para a composição dos grupos, foram escolhidos jovens pertencentes às classes populares, integrantes dos 20% da população com os menores rendimentos do município de Recife. Os jovens desse grupo estavam cursando ensino superior, alguns conciliavam atividades de estudo e trabalho, outros já haviam terminado a formação universitária e dedicavam-se, naquele momento, a trabalhar ou a procurar emprego. Todos estavam solteiros e sem filhos. Apresentaram trajetória escolar típica, com a conclusão do ensino médio na faixa etária esperada e posterior frequência ao ensino superior.

Alguns relataram uma rotina diária que incluía cursos complementares e outros afirmaram estar à procura de trabalho. Há ainda uns poucos que conciliavam trabalho e estudo e alguns tinham por hábito realizar atividades físicas. Os relatos indicaram que, em grande medida, o cotidiano desses jovens estava centrado na vida universitária, na necessidade de estudar muito, procurar trabalho, estágio ou outras formas de apoio financeiro, como bolsas de pesquisa, que viabilizassem a continuidade do ensino superior.

7. Esse grupo é resultado da fusão do grupo de 19 anos a 22 anos com o grupo de jovens entre 22 anos a 24 anos. Conforme explicado anteriormente, a análise optou por analisar esses grupos conjuntamente porque a pequena diferença na idade não trouxe diferenças significativas na trajetória de estudo e trabalho dos jovens.

A rotina diária, em geral, era feita de muitos compromissos e obrigações, que se estendiam desde cedo até tarde da noite. O deslocamento entre os locais de realização das atividades e seus domicílios envolvia grande tempo e esforço, aumentando a sensação de pressão e correria. No conjunto da amostra, esse foi o grupo que descreveu cotidianos mais sobrecarregados e cansativos.

O quadro 3 traz os elementos centrais da representação social da vida cotidiana dos jovens desse grupo. Como se observa, as palavras que passaram nos critérios relevância e saliência foram agrupadas pelo critério de associação temática, em torno de três categorias: i) estudo; ii) trabalho; e iii) preocupações/negatividade. Na categoria estudo, emergiram como elementos centrais as palavras: estudar, cursos, ensino, prova, professor e universidade. Na categoria trabalho, as palavras foram: trabalho, emprego e profissão; e na categoria preocupações/negatividade sobressaíram as palavras dificuldades, pressão, sofrimento e complicado.

QUADRO 3

Grupo de 19 anos a 24 anos (trajetória típica): categorias e palavras que passaram nos critérios saliência e relevância

Estudo	Trabalho	Preocupações/negatividade
Estudar	Trabalhar	Dificuldades
Cursos	Emprego	Pressão
Ensino	Profissão	Sofrimento
Federal		Complicado
Professor/professora		
Universidade		

Elaboração das autoras.

5.2.1 O lugar da família na vida dos jovens adultos

Como pode ser observado no quadro 3, a exemplo do grupo anterior, a família não emergiu como elemento central nos critérios relevância e saliência. A análise de conteúdo mostrou, no entanto, que, na vida desses jovens, a família ocupa um lugar importante na definição dos valores da educação. Em geral seus pais têm escolaridade muito baixa, mas compartilham da crença de que a educação dos filhos seria a saída para elevar a família a outro patamar social e econômico. Em muitos casos, os jovens entrevistados são os primeiros da família a

ascenderem ao ensino superior, sendo comum o sentimento dos filhos de não desejarem decepcionar os pais em reconhecimento ao sacrifício que fazem para que possam estudar.

Os pais, por sua vez, segundo os relatos dos jovens, sentem uma alegria imensa quando os filhos entram no ensino superior, conforme se pode apreender pelos relatos a seguir.

> No meu caso, a minha mãe nunca estudou. Eu estou na minha graduação, minha irmã terminou o técnico, meu irmão começou o técnico, os dois são casados, mas ela sempre foi assertiva. Meu pai é o que provê, o que providencia o dinheiro; o trabalho dela foi o de acompanhar a escola, de cuidar, então, ela nunca pensou que a gente fosse querer fazer curso superior. Para ela, a gente tinha que terminar o ensino médio, isso estava bom para ela. Mas, depois que ela viu a gente se esforçando, fazendo curso técnico e não sei o quê, ela ficou preocupada, quis se organizar, por ela não conhecer aquilo. Meu pai foi diferente dela, quando a gente diz que faz faculdade, ele pergunta: Filha, é bom? Mas ele não se preocupa como minha mãe. Minha mãe fica feliz, apesar de não saber bem o que está sendo dito (Elaine).

> Eu sempre fui muito bem-educado, pressionado pelo diálogo com o cinto do meu pai. Minha educação sempre foi muito rígida. Meu pai é a voz ativa da minha casa, já a minha mãe é aquela que diz: Olha, você não trabalha, então tem que estudar, porque não sou eu que vou à escola, só vou à escola no final do ano, para pegar o teu boletim, então o teu trabalho é estudar e só. Então eu tinha que dar o meu máximo, né. Então eu acho que a educação é um diferencial muito grande na base de muitos jovens hoje (Alexandre).

> Eu acho que também fui incentivada por isso, porque o meu pai nem chegou a terminar o ensino médio e a então a minha mãe só terminou o ensino médio. Então eles se esforçavam muito. Eles sempre me diziam: É muito ruim, não queira isso para você. Não era bem uma ameaça, mas era um alerta. Eu confesso que na época da escola, do ensino médio, era um saco estudar. Eu comecei a gostar de estudar na faculdade, porque eu estava estudando algo que eu gostava. Mas durante o ensino médio eu, realmente... É muito importante a educação dos pais, de estar sempre apontando: Olha o fulano como está, você quer isso

> para você? Então, era essa realidade que meio que me pressionava, que me fazia estudar (Carolina).

A maioria dos jovens desse grupo ainda mora na casa de suas famílias, mas os afazeres domésticos, bem como os cuidados com crianças, não foram relatados como uma atividade pesada, como é o caso da Bruna, que concilia a atividade de cuidar de uma prima com a realização de um curso de informática e a faculdade, à noite.

> Eu acordo pensando que quero voltar a dormir, mas não posso, né? Levo minha prima na escola e duas vezes na semana faço curso de computador à tarde, aí de lá vou pra faculdade. A aula acaba sempre às dez horas, mas eu saio quinze minutos antes, senão eu perco meu ônibus. Chego em casa às 10h50, morrendo de fome, aí vou comer e vou dormir. Estudar só no outro dia (Bruna).

5.2.2 O adiamento da nupcialidade e da maternidade

A maioria dos jovens disse que têm namorado ou namorada, mas não pensam em se casar no momento. A nupcialidade e a maternidade, tanto para os homens como para as mulheres desse grupo, não fazem parte dos planos no curto ou médio prazos. São realizações planejadas para um momento após a formatura e a conquista de um trabalho com remuneração adequada.

> Eu espero a minha realização pessoal mas também a profissional, porque nada melhor do que ser uma profissional de qualidade, né. Eu pretendo e quero ter a minha independência financeira, porque pedir dinheiro a pai e mãe, minha gente, é triste! Quero me casar, mas, na construção da minha família, não me vejo mãe no momento, talvez possa mudar esse meu pensamento, mas não me vejo mãe e, graças a Deus, meu noivo entende isso. Quero me casar, viajar, sair sem ter hora para chegar (Carolina).

> Eu penso em mim primeiro; em homem, depois. Primeiro, os estudos. E engraçado é que eu namoro há anos e nem penso em casamento (Fabiana).

> Tenho 23 anos, sou técnico eletricista, trabalho na área atualmente e estou fazendo engenharia elétrica, no oitavo período. Sou noivo, e vou enrolando a minha noiva até onde puder (Lucas).

> [No ano que vem] eu já quero estar no emprego novo. Com mais uns dois anos, pretendo fazer um teste para subir de cargo, depois, mais dois anos, ver se eu sou promovida de novo. Depois, com um pouquinho de experiência, eu queria arriscar e abrir meu próprio negócio, depois me casar e terminar a minha vida como professora universitária (Camila).

5.2.3 Desafios para entrar e para permanecer na universidade

Os desafios que precisam enfrentar para ascenderem ao ensino superior foram relatados com muita frequência pelos jovens de 18 anos a 24 anos. As dificuldades se iniciam ainda quando estão prestes a concluir o ensino médio, quando a situação financeira de suas famílias limita suas oportunidades de continuar estudando. Cientes de que não fizeram um ensino médio de qualidade, reconhecem que precisam do reforço do cursinho para conseguir passar no Enem. Um bom cursinho, no entanto, custa caro, e a família não consegue manter os jovens matriculados por muito tempo. Assim, ou entram de primeira na universidade pública ou terão que trabalhar para pagar faculdade particular.

> Se você for rico, seu pai vai pagar cursinho pra você, integral, um GGL, que custa R$ 600 e que pobre não tem. Você tem que estudar em casa pra poder passar para uma Federal. E se não passar para a Federal, aí vai trabalhar o dia todinho e vai de noite pra faculdade, enquanto o rico tá na Federal, indo de carro, pagando R$ 10 ou R$ 15 de estacionamento (William).

> Minha mãe sempre falava que eu precisava estudar. Aí, como eu fiz um ano e pouco de cursinho ela dizia: Se você não passar em nada, vai ter que trabalhar. Essa é justamente a perspectiva dela. Na época dela era mais difícil fazer faculdade, a elite dominava a faculdade antigamente e para geração dela era quase impossível entrar na faculdade. Ela tinha essa perspectiva, você estuda uma vez, se não conseguir, então começa a trabalhar que outras perspectivas virão e você paga a faculdade. Mas eu fiz o cursinho e consegui. Se eu não tivesse conseguido, não sei como seria (Elaine).

Após conquistarem a vitória de entrar na faculdade, os jovens começam a enfrentar desafios de outra natureza. Aqueles que estavam nos anos iniciais da universidade reclamam

das dificuldades com os novos conteúdos, considerados difíceis por muitos, principalmente para aqueles que cursaram o ensino médio em escolas públicas.

> Tem que ter cuidado pra não surtar na faculdade, porque todo mundo surta uma hora na faculdade. É impossível não surtar. Ah, meu Deus do céu... Outro dia mesmo, eu chorei porque não estava conseguindo entender uma coisa de estatística, mas, depois, no outro dia, resolvi tudo certinho. Mas teve aquele nervosismo, aquele medo de não conseguir fazer, medo de errar. É isso que a pessoa sente (Carolina).

> Na faculdade, o fato de ter que aprender também é mais importante porque você precisa levar isso pro seu futuro, pro seu trabalho. Não é como no ensino médio, que você estuda meia hora antes da prova, passa, tira a média e acabou. Na faculdade, você tem que aprender o assunto. Tem os assuntos que você tá familiarizado, porque você gosta, mas ainda vai ter pela frente aqueles assuntos que você vai ter muita dificuldade (André).

Os gastos cotidianos com a universidade – com transporte, alimentação, livros, fotocópias –, mesmo sendo pública, são difíceis de ser suportados por esses jovens. É necessário economizar muito para conseguir levar adiante os estudos.

> Eu pegava na faculdade de manhã e no estágio à tarde e um pedaço da noite. Largava às sete, oito horas e tinha que me virar nos trinta para chegar em casa, fazer almoço para o outro dia, ajudar minha avó com relação aos meus primos, fazer doces, eu fazia doces para vender, um docinho para vender na faculdade e tal. Então, realmente, é se virar nos trinta para poder sobreviver. Vida corrida. Para chegar à faculdade eu preciso pegar dois ônibus e o metrô, ando, digamos, tipo um quilômetro e meio ainda para chegar lá. Isso para não ter que pegar outro ônibus, para poder economizar na passagem. Assim, economia para mim, hoje em dia, é tudo (Samuel).

O apoio financeiro da família para os jovens se dedicarem apenas aos estudos é limitado. A expectativa de muitas famílias é a conclusão do ensino médio, a continuidade do ensino superior só é possível a partir da conciliação das atividades de estudo e trabalho ou pelo acesso a uma universidade pública. Ademais, quando conseguem entrar na universidade

pública, torna-se difícil conciliar o estudo com o trabalho, pois os cursos ocorrem em período integral. Nesse caso, como visto anteriormente, os jovens de classes populares enfrentam dificuldades financeiras para o pagamento das despesas com transportes, livros, fotocópias e alimentação. Alguns narraram ainda ter que enfrentar as cobranças da família, pela decisão de adiar a entrada no mercado de trabalho para depois da faculdade.

Outra dificuldade narrada na vida universitária dos jovens de classes populares foi o preconceito. Alguns estudantes relataram ter se sentido discriminados na universidade em função de sua classe social, isto é, por serem alunos bolsistas, mais pobres e moradores de bairros populares.

> Tem gente que fala: Não, não é tanto assim, eu também fui bolsista. Mas, você sabe como é, a PUC é super elitizada. Acho até que na USP, se você entrar, você vai sofrer um pouco de retaliação, se você for da nossa realidade, que é um pessoal de bairro periférico (Carolina).

Muitos jovens precisam trabalhar para se manter na faculdade. São empregos precários, muitas vezes em tempo parcial. Conforme Foracchi (1965), esses jovens são "estudantes trabalhadores". Suas vidas são fragmentadas entre estudo e trabalho, todavia, na visão dessa autora, o trabalho seria a área mais prejudicada.

> Nesse caso, o trabalho é o setor mais atingido por ser, na perspectiva do estudante, um trabalho incompleto e parcial. O estudante que trabalha vive a fragmentação do estudante: não estamos mais em presença de um mero intervalo que possibilita, como numa fuga, a realização de determinada atividade. Estamos diante de um intervalo amplo que marca, porque separa, em tempos sociais distintos, o trabalho e o estudo (Foracchi, 1965, p. 51).

O trabalho é visto como um meio de ajudá-los a arcar com as despesas do curso e não é a atividade prioritária de sua jornada. Esses jovens vivem uma rotina pesada e cansativa, sobrando pouco tempo para se dedicar aos estudos e ao lazer.

> Pelo fato de eu ser, de certa forma, de baixa renda, de família humilde, eu acho que isso interferiu nesse meu processo de ingresso na universidade. Infelizmente, eu não consigo me manter na faculdade sem trabalhar, tanto que

> eu trabalho, faço estágio na UFPE, na federal, como apoio técnico. Eu trabalho de manhã e estudo à tarde e só tenho a noite para estudar, descansar, para fazer tudo. Então, eu acredito que realmente essa realidade de trabalhar e estudar é muito puxada e, realmente, quem tem uma condição financeira melhor e tal, então, tem uma facilidade maior nos estudos do que quem é um pouquinho mais pobre (Fabiana).

5.2.4 Preocupação e insegurança com o mercado de trabalho após a conclusão do ensino superior

Entre os jovens que estão concluindo o ensino superior, os sentimentos predominantes são a preocupação e a ansiedade em relação ao futuro, que está perto de ser o presente na vida deles. Sentem que está chegando o momento pelo qual se sacrificaram tanto. A maioria deles, se não todos, decidiu cursar o ensino superior com a expectativa de se qualificar e, por consequência, conseguir um emprego com uma remuneração acima da média dos seus familiares.

Conseguir um bom trabalho, que permita que sejam independentes e, ao mesmo tempo, que possam ajudar suas famílias, é a maior preocupação dos jovens que estão nos anos finais da graduação. Porém, conquistar uma vaga no disputado mercado de trabalho nem sempre é fácil, seja pela baixa oferta, seja pelas altas exigências das empresas. A dificuldade do mercado de trabalho e o reconhecimento de que as oportunidades são escassas preocupam muito os jovens. Alexandre e Lucas, ao chegarem nos últimos dois anos da graduação, começaram a ver o futuro com pessimismo em razão da situação do mercado de trabalho no país.

> Você se forma e não consegue um emprego em, digamos, seis meses. Claro que você está formado, então você precisa de grana para alguma coisa, mas você precisa estudar para poder passar em algum concurso, você tem que se virar nos trinta em outra profissão, em outra coisa. Então, essa é a dificuldade. Não tem uma garantia, não é certo, entendeu? Você está buscando aquilo, mas quando acaba a faculdade, você vê o tanto que é difícil. Porque todo mundo tem o mesmo objetivo de fazer uma faculdade, se formar e então o mercado de trabalho fica mais apertado, mais gente com graduação. Aí é ruim, porque tem mais concorrência, mais gente querendo a sua vaga, e você sente que não é nada (Alexandre).

> Não é expectativa profissional, emocional; é o que o mundo tem a me oferecer no futuro. Se eu estou estudando agora, quero ter um futuro. Estudar, trabalhar, ter dinheiro. Mas o Brasil do jeito que está, será que vai me oferecer um trabalho digno pra que eu possa ter esse dinheiro, já que eu estou estudando agora. Entendeu? É algo pessimista nesse sentido, de ter um futuro. Não é daqui a dois, três anos, que mais dois, três anos eu vou continuar na faculdade, mas um futuro mais além, daqui a dez, quinze anos. Onde eu vou estar, na sociedade, daqui a dez, quinze anos, já que eu estou sofrendo agora? (Lucas)

Alguns jovens recém-formados relatam um pouco de angústia e decepção por ainda não terem conseguido o emprego desejado e se sentirem discriminados pela idade e/ou pelo sexo. Esse é o caso da Aparecida, que teve um percurso de sacrifício para entrar e se manter em uma universidade pública, mas que ainda não se sente recompensada.

> No meu caso era assim: ou eu passava para uma universidade pública, ou não fazia faculdade. Então já tinha essa pressão, mas eu consegui passar. Aí, eu estudava de tarde, trabalhava à noite e dormia de manhã. E a minha faculdade era bem longe. Foi difícil para eu conseguir poder fazer meu estágio. Hoje eu sou formada, mas para conseguir emprego foi ainda mais difícil, porque a minha área, logística, é uma área muito mais masculinizada. Além disso, por eu ser jovem, também tive muita dificuldade. Hoje eu trabalho com carteira assinada, mas ainda ganho muito pouco. Eu até tenho qualificação, mas o diretor diz que ainda não pode confiar numa pessoa que começou agora, recém-formada, e que a equipe toda é homem e só tem eu de mulher, então, não quer botar uma mulher para liderar. (...) Então é muito difícil. Hoje eu busco outra oportunidade no mercado de trabalho, mas é muito difícil. O mercado está muito competitivo, e eu sou jovem. Mas meu anseio é ter minha liberdade financeira, ter minha liberdade no meu ir e vir, poder comprar o que eu quero. Hoje é muito difícil, porque o mercado quer pessoas com experiência (...) é complicado pra caramba (Aparecida).

5.2.5 Síntese dos elementos centrais da representação social de trabalho e estudo dos jovens de 19 anos a 24 anos de trajetória típica

Como pode ser notado, a análise de conteúdo desse grupo focal confirmou a relevância dos elementos centrais da representação social de estudo e trabalho para os jovens pobres de 18 anos a 24 anos que conseguiram acessar o ensino superior. Conforme apontaram as informações do quadro 3 no início desta seção, o estudo e o trabalho são questões permanentes no cotidiano da vida desses jovens. A atividade estudar, que nesse grupo, é caracterizada sem repetências de séries e continuidade até o ensino superior, é vista pelos jovens como a única saída de mobilidade social. Representa, porém, um caminho árduo, com muitos obstáculos de ordem financeira, de aprendizagem e socioemocionais a serem ultrapassados.

Entre os obstáculos econômicos, destaca-se a falta de recursos para o deslocamento diário até a universidade e para o pagamento de despesas de compra de livros, fotocópias e alimentação. As dificuldades na aprendizagem são notadas pelos jovens logo no início da entrada na universidade, quando se dão conta de que necessitam fazer um esforço adicional para acompanhar o conteúdo de algumas disciplinas e compensar as falhas de aprendizado e conteúdo não dado nas escolas públicas que frequentaram durante o ensino básico. Os obstáculos socioemocionais, finalmente, foram apreendidos nas falas de alguns jovens que relataram sofrer preconceito nas universidades públicas por serem alunos, muitas vezes, cotistas e bolsistas, provenientes da periferia.

O trabalho também se mostrou muito importante nessa fase da vida dos jovens, ocupando, entretanto, papeis nitidamente diferentes durante a vida universitária e após sua conclusão. Nos anos iniciais da graduação, o trabalho remunerado – bicos, estágios, programas de pesquisas – é visto pelos jovens como um elemento acessório e precário, mas que cumpre o objetivo de possibilitar a permanência e a conclusão do ensino superior.

No final da graduação, porém, o trabalho é fonte de preocupação, pois se aproxima o momento da "colheita", o momento pelo qual se sacrificaram tanto. Passam, então, a conviver com o medo e a insegurança de não serem recompensados e de não conseguirem encontrar o emprego de que precisam e que acham que merecem. Nesse ponto das narrativas,

confirma-se o terceiro conjunto de elementos da estrutura da representação social: os sentimentos que expressam preocupação e negatividade e que completam o sentido do estudo e do trabalho na vida desses jovens. Esses sentimentos se manifestam na fala dos jovens, quando contam sobre suas vidas, por meio da elevada frequência de emissão das palavras: dificuldades, pressão, sofrimento e complicado.

Durante a faculdade sentem-se inseguros e pressionados por resultados que vão além do aprendizado que conseguiram adquirir na escola pública, considerada, por eles mesmos, de baixa qualidade. Nos anos finais da universidade, o sentimento de preocupação predominante é de ansiedade em relação ao futuro. Nessa fase, convivem com o medo e a insegurança diante de um mercado de trabalho competitivo, que não lhes oferece oportunidades de emprego decente, obrigando-os a adiar sua independência e a tão sonhada "folga financeira" para ajudar suas famílias.

Também nesse grupo, é preciso chamar atenção para a importância da família, embora não tenha emergido como elemento central nos critérios saliência e relevância. A partir da análise de conteúdo, compreende-se que essa instituição ocupa um lugar central na decisão de alguns jovens de seguirem o percurso escolar até o ensino superior. Muitos jovens mencionaram o sacrifício feito pela família para permitir que continuassem estudando até o ensino superior. Diante disso, relataram que se sentiam em dívida ou em falta com os familiares, explicitando em suas falas que gostariam de conseguir um bom trabalho para ajudar a família.

6 AS JOVENS MULHERES DE TRAJETÓRIA ATÍPICA: ENTRE A FAMÍLIA, O SONHO DE VOLTAR A ESTUDAR E A NECESSIDADE DE TRABALHAR[8]

6.1 As jovens adolescentes de 15 anos a 18 anos e de trajetória atípica

Esse grupo foi composto por nove adolescentes e jovens do sexo feminino que não tiveram trajetória escolar regular. Todas estavam sem estudar e algumas dedicavam poucas

8. Os nomes utilizados são fictícios.

horas da semana em atividades remuneradas, sem vínculo formal. Os elementos centrais da representação social do cotidiano da vida dessas adolescentes são família, trabalho e estudo (quadro 4).

Em torno da categoria família as palavras que passaram nos critérios saliência e relevância foram: mãe, pais, bebê, filhos e família. Por sua vez, na categoria trabalho, destacaram-se as palavras emprego, trabalhar e salário. E na categoria estudo, as palavras estudando, faculdade, ensino, prova, Enem e escola.

QUADRO 4

Grupo de jovens do sexo feminino de 15 anos a 18 anos (trajetória atípica): categorias e palavras que passaram nos critérios saliência e relevância

Família	Trabalho	Estudo
Mãe	Emprego	Estudando
Pais	Trabalhar	Faculdade
Bebê	Salário	Ensino
Filhos		Prova
Família		Enem
		Escola

Elaboração das autoras.

6.1.1 A rotina das adolescentes que estão sem estudar e sem trabalhar

Ao descreverem suas rotinas, as jovens desse grupo deram muito peso para suas responsabilidades com afazeres domésticos, o que incluía os cuidados com crianças da família, como irmãos ou sobrinhos. Uma das jovens participantes do grupo estava grávida e, por se tratar de gravidez de risco, não podia realizar afazeres no domicílio. Em alguns relatos, as atividades no lar e de cuidados com as crianças da família eram descritas pelas participantes com um sentimento de descontentamento com a rotina: sentiam-se entediadas e infelizes por achar que não faziam nada de relevante.

> Todo dia arrumo a casa, arrumo louça, lavo prato, olho a minha sobrinha de vez em quando (Jaqueline).

> Eu não acho o meu dia tão corrido, não. O que eu só faço é cuidar da casa, quando não é isso, estou mexendo no celular, fazendo nada. Hoje em dia também estou correndo atrás dos meus documentos, que era pra eu ter tirado antes, mas estou tirando agora. E só faço isso mesmo, por enquanto (Márcia).

> Eu não consigo ficar em casa sem fazer nada. É chato. É chato demais. É entediante. Depois de arrumar a casa, a pessoa fica procurando alguma coisa pra fazer (Kátia).

> O meu dia é muito chato, não faço nada. É por causa da gravidez. De dia, você fica o dia todo sem poder abaixar, sem poder me levantar direito. Eu detesto ficar muito tempo parada porque dá muita dor nas costas, tem vezes que é um saco pra arrumar (Luíza).

> No meu dia, eu me acordo e levo minha sobrinha pra escola. A minha mãe sai pra trabalhar. Eu chego e arrumo a casa. Às onze horas vou buscar minha sobrinha, pra minha mãe chegar e fazer o almoço. Depois, eu durmo de tarde. De noite, vou lá pra rua conversar um pouquinho (Domingas).

Procurar por um trabalho remunerado e não conseguir também faz parte do cotidiano dessas meninas. Muitas relataram suas tentativas frustradas de buscar emprego, principalmente por não terem experiência e por não corresponderem às exigências do mercado de trabalho quanto à escolaridade e às suas poucas qualificações.

> Eu passo o meu dia procurando emprego, só que tem que ter experiência. Até uma simples balconista tem que ter experiência. E eles nem dão oportunidade pra você começar, pra você mostrar que quer aprender (Eliane).

> Hoje em dia, pra tudo tem que ter curso. E a maioria deles é paga. os melhores são pagos... Nada é de graça. Uma coisa puxa a outra. E tudo na dificuldade. E pede diploma, pede diploma de curso de informática. Pelo menos a básica, né? (Alda)

A necessidade de entrar tão cedo para o mercado de trabalho deve-se aos baixos rendimentos auferidos pelas famílias. Na maior parte dos casos, a mãe é a única provedora do sustento das pessoas do domicílio, conforme relata a Eliane.

> As coisas são caras e o salário é baixo, pra se sustentar é muito difícil. Lá em casa, só minha mãe trabalha. Com R$ 950 pra quatro pessoas, praticamente é muito difícil, é muito complicado. A gente compra uma coisa, mas tem que faltar outra. (...) E se acontecer alguma coisa com a minha mãe? Eu, sem estudo? Aí eu não vou ter um trabalho, meu pai é separado da minha mãe, vive a vida dele... Só dá dinheiro quando quer... E a quantia que quer, né? (Eliane)

6.1.2 Por que pararam de estudar?

Gravidez, problemas familiares e restrições financeiras da família foram os três motivos alegados pelas jovens para a interrupção dos estudos. As jovens Kátia e Valéria, por exemplo, relataram que contraíram gravidezes de risco, que as impossibilitaram de frequentar as aulas. De acordo com Azevedo *et al.* (2014), adolescentes tendem a apresentar maior risco de incidências de síndrome hipertensiva da gravidez (SHG), anemia, diabetes gestacional, complicações no parto, determinando aumento da mortalidade materna e infantil.

> Eu parei porque, no ano passado, 2017, eu engravidei de risco, e eu perdi com quatro meses. Foi muito difícil (Kátia).

> Eu também parei porque engravidei de alto risco. Foi a mesma coisa, não podia fazer nada, tinha pressão baixa. Só podia ficar deitada, só mexia no celular. Quando enjoava, meu Deus do céu! (Valéria)

Ademais, para Figueiredo (2000), mães adolescentes apresentariam maiores riscos de abandono escolar precoce, perda de oportunidades de emprego, maiores dificuldades econômicas e monoparentalidade. A autora, no entanto, assevera que a presença de algumas variáveis poderia atuar como fatores protetores e inibidores dessas ocorrências negativas, tais como: i) a oportunidade de a mãe adolescente continuar estudando, o que aumentaria suas oportunidades de empregabilidade no futuro; ii) a presença de número reduzido de filhos; e iii) a realização de casamento antes ou depois do nascimento do bebê, que concorreria para o aumento da renda familiar e de suporte social para a mãe (*op. cit.*, p. 486).

Além da gravidez não planejada, problemas familiares, conjugados com a baixa condição financeira da família, também ganharam relevância como motivos responsáveis pelo abandono escolar.

> Eu parei porque minha mãe sofreu um acidente quando estava saindo de um trabalho (...). Aí ela ficou em cima de uma cama. Nesse tempo só morávamos eu e ela em casa, aí eu tive que cuidar dela. Então eu perdi praticamente o tempo todinho dos estudos. Mas eu pretendo voltar (Alda).

> Eu já parei. Foi por causa de problemas, muitos problemas de família. Estava uma loucura! Aí eu parei, desisti. Se não me engano foi na metade do ano passado. No outro ano voltei a estudar, mas era longe e eu tinha que pagar passagem, porque eu não tinha aquele passe livre. Minha mãe tirava do bolso dela todo dia. Então eu comecei a ir andando (...) aí, era tarde, eu vi um assalto na minha frente. Sorte que eu estava com um colega meu, e ele viu primeiro que eu. Aí ele disse: Ei, para, para. Aí quando eu parei que eu vi. Pararam dois caras na moto e assaltaram a menina. (...) Eu disse: Não dá mais ir andando, não. Aí eu fiquei indo de ônibus, mas eu reprovei, porque eu faltava muito (Domingas).

6.1.3 O desejo de voltar a estudar e a busca por trabalho

Todas as jovens disseram que pretendiam voltar a estudar. Acreditavam que apenas por meio "dos estudos" conseguiriam "ser alguém na vida", "comprar suas próprias coisas" e "deixar a casa dos pais".

> Se não vai ser um ano perdido, e eu pretendo fazer a minha faculdade. Porque eu quero crescer na vida, fazer a faculdade e arrumar um emprego, um dia. Porque se não tiver os estudos, não tem nada. Porque com 18, 19 anos tem que ter estudo pra trabalhar (Alda).

> É como minha mãe diz, se você não tem estudo, você não tem nada. Até pra ser um gari precisa ter um ensino médio completo. Tem muito emprego que se perde porque pede ensino completo (Domingas).

No entanto, apesar do desejo da volta aos estudos, há muitos desafios que precisam ser equacionados para que esses jovens retomem suas trajetórias escolares. Entre esses,

sobressaiu a condição financeira da família, que não permite sustentá-las na escola sem trabalhar. Assim, muitas vezes, a volta à escola depende de conseguir primeiro um trabalho, que pode ser "qualquer um". Para aquelas jovens que se dedicam aos cuidados de crianças – seus próprios filhos, irmãos ou sobrinhos –, à dificuldade financeira soma-se a necessidade de encontrar soluções de suporte e apoio que lhes permitam deixar as crianças aos cuidados de outras pessoas ou de instituições do tipo creche.

> Eu, pra mim, queria qualquer coisa. Então, até de serviços gerais eu queria, pra falar a verdade, pra começar (Jaqueline).

> Por mim, qualquer coisa seria boa, né? Porque pra mim, agora, não dá pra escolher nada, tem que aceitar (Kátia).

> E como eu já terminei o ensino médio, então eu vou em busca de emprego. Tenho corrido pra tudo que é canto. Não é possível que não vou ser chamada, já tem mais de um ano. Mas se eu conseguir um emprego, vai ser mais fácil pra mim, que posso estabilizar a minha vida e conseguir entrar na faculdade (Eliane).

> Agora, no meu caso, acho que vai ser meio complicado, porque eu, querendo ou não, antecipei uma fase da minha vida, a fase de ser mãe. A minha irmã trabalha o dia todo, trabalha viajando, porque ela é fotógrafa e quase nunca está em casa. Aí é o problema de achar alguém que possa ficar com meu bebê enquanto eu estudo, enquanto eu trabalho, uma coisa assim (Valéria).

A baixa escolaridade e a falta de experiência profissional fazem da busca por um emprego uma tarefa árdua e sofrida e que contribui para reduzir a autoestima dessas jovens. Algumas relataram ter medo de sofrer preconceito, como é o caso da Katia, que é negra.

> Numa entrevista que eu fiz, sexta-feira, eu fiquei com medo, porque eu estou em extensão capilar, porque meu cabelo era liso. Eu fiquei com muito medo de eles olharem meu cabelo, entendeu? Porque você é negra, cabelo ruim já é uma coisa difícil, sabe, você acaba ficando com medo, mas eu fui. Eu tenho que enfrentar os preconceitos (Kátia).

> Porque você chega a um lugar, a pessoa tem um bom currículo e o seu não é tão bom. Lógico que ganha o bom currículo (Valéria).

> É difícil. Quando você vai fazer entrevista, eles colocam uma prova bem difícil. Eu nem entendo de computador, é muito difícil (Domingas).

Como conseguir um trabalho formalizado é muito difícil. Entre as jovens que estão sem estudar e sem trabalhar é comum a realização de alguma atividade informal remunerada por conta própria, como vendas de bijuterias, manicure e cuidados de crianças dos vizinhos.

> Eu vendo bijuteria na porta, mas dá tanta dor de cabeça. Pra comprar, a pessoa vem, mas na hora de cobrar, é ruim demais (Domingas).

> Eu cuido de duas crianças da minha vizinha em casa. Aí eu parei de trabalhar, ficava com eles. Aí ela [a vizinha] ficou desempregada e não deu mais pra eu ficar com eles. Falou que não teria mais como pagar, porque ela era separada e tem toda aquela questão, de vai pagar a pensão e tudo (Marcia).

> Eu faço unha no Montanhês, no AFEP, onde tiver... (Jaqueline).

6.1.4 O lugar da família na vida das adolescentes que estão sem estudar e sem trabalhar

A vida familiar tem uma importância muito grande na vida das adolescentes. Como estão sem estudar e sem trabalhar, elas se ocupam cotidianamente das questões familiares. Exercem papel fundamental nas estratégias da família ao cuidarem dos irmãos menores, primos e sobrinhos, permitindo que outros familiares tenham trabalho remunerado fora do domicílio. Da mesma forma, quando se responsabilizam pelos afazeres domésticos, estão também facultando e facilitando a vida de outros moradores para que possam se integrar ao mercado de trabalho.

Esse é o caso, por exemplo, de Domingas, que mora com a mãe, o irmão e o padrasto e cuida dos afazeres de casa e da sobrinha para que o irmão possa trabalhar.

> Todo dia arrumo a casa, arrumo louça, lavo prato, olho a minha sobrinha (...) Eles se separaram, mas a menina não tem nada a ver, né? Aí ela [ex-mulher

> do irmão] quer jogar a menina pra ele, não quer ter a responsabilidade de mãe (Domingas).

Os relatos das adolescentes desse grupo revelam também que a família é fonte de muito conflito, sofrimento e de baixa autoestima. São famílias que enfrentam expressivas dificuldades econômicas e cujos responsáveis têm baixa escolaridade e nem sempre incentivam as meninas a estudar, reservando a elas o papel de cuidadoras no âmbito familiar. Em geral são lares monoparentais, onde a mãe exerce o papel de provedora. Muitas famílias também contam com a presença de um padrasto. Os pais são quase sempre ausentes, e, via de regra, também são fonte de conflito e sofrimento para as adolescentes.

> Porque se você precisar do seu pai ou da sua mãe, eles nunca estão pra lhe servir. Só botaram você no mundo, como se diz. A maioria das vezes "é besteira, é frescura", mas não é. Eu implorava: Mãe, vamos tirar meus documentos em Olinda, é tão pertinho, bora, mãe, tirar minha identidade. Nunca foi. Minha sogra que teve a coragem de ir comigo. Meu pai nunca veio se despedir de mim, quando eu via, ele já não estava em casa (Luíza).

> Meu pai me dizia que, quando ele era mais novo, o pai dele maltratava muito ele, deixava ele de lado, batia muito nele, mas ele dizia que amava muito o pai dele. Mas ele não vê que ele está fazendo a mesma coisa comigo. Aí eu penso: Meu Deus do céu, eu queria que fosse diferente. É muito triste (Márcia).

Para Pereira (2010 *apud* Brugim e Shroeder, 2014),[9] as relações familiares em contexto de muita privação econômica e social podem contribuir para comprometer a autoestima de crianças e jovens, pois esses e suas famílias interpretam os problemas inerentes de sua condição socioeconômica como se fossem atributos pessoais negativos.

> De forma circular e quase inevitável, este ciclo se instala reforçando-se a condição de miséria, não só no nível material, como no nível afetivo. As pessoas, desde muito jovens, percebem-se como inferiores, incapazes, desvalorizadas,

9. Pereira, S. E. F. N. *Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social*: articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. Brasília, Distrito Federal: Aconchego, 2010.

> sem o reconhecimento social mínimo que as faça crer em seu próprio potencial como ser humano (Pereira, 2010, *apud* Brugim e Shroeder, 2014).

Este é o caso da adolescente Valéria, que afirma que muitas vezes têm vontade de desistir de tudo.

> Algumas vezes, eu fiquei muito desmotivada pelo fato de não ter uma relação muito boa com o meu pai. Ele falava muitas palavras dizendo que eu não ia conseguir, que eu só ia me ferrar lá na frente, isso e aquilo... Querendo ou não, você pega isso na cabeça. Então eu pensava em desistir. Eu dizia: Meu Deus do céu, me dê forças, porque tem horas que eu não estou suportando. Já pensei muitas vezes em abandonar tudo, tipo, coisas que passam na nossa cabeça, de sair de casa, um monte de coisa, mas graças a Deus eu fui mais forte do que isso e, hoje em dia, estou aqui. É como eu sempre digo, eu vou provar pra todo mundo que eu vou conseguir, que eu sou capaz de atingir os meus objetivos, e é isso. A questão familiar, quando alguém me bota pra baixo, é muito difícil, é muito difícil mesmo (Valéria).

Como se nota, a família é, de fato, um elemento central estratégico na representação social da vida cotidiana dessas meninas. Ao mesmo tempo que se sentem dependentes das famílias, sofrem com o lugar que ocupam no arranjo familiar.

6.1.5 Os sentimentos de desânimo, de despreparo e de baixa autoestima

Muitas adolescentes relataram sentir tédio com suas rotinas. Sentem-se sem saída, pois não sabem como mudar a situação em que se encontram. Sentem-se despreparadas. Ao serem indagadas sobre qual o sentimento de ser jovem, hoje, no Brasil, essas adolescentes exteriorizaram sentimentos de desânimo e de exclusão.

> Moderadora: Se a gente fosse falar, em uma palavra, qual o sentimento de ser jovem no Brasil hoje, seria? Sou jovem no Brasil hoje e me sinto...
>
> Desmotivada. Despreparada (Domingas).
>
> Complicada (Valéria).

> Incapacitada (Márcia).
>
> Era a palavra que eu estava procurando (Jaqueline).
>
> Excluída. Excluída, um pouco (Kátia).
>
> Me sinto despreparada pra tudo, eu sinto (Eliane).

6.1.6 Síntese dos elementos centrais da representação social de trabalho e estudo das adolescentes de 15 anos a 18 anos

A análise de conteúdo desse grupo focal confirmou que as categorias definidoras da representação social das jovens adolescentes que se encontram sem estudar e sem trabalhar são a família, o estudo e o trabalho. A vida dessas jovens, no momento em que participaram da pesquisa, transcorria no âmbito familiar. Sem estudar e sem trabalhar, passavam o dia envolvidas nas tarefas de cuidados e de afazeres domésticos. Exerciam importante papel nas estratégias familiares em conseguir renda para a sobrevivência. No entanto, sentiam-se com baixa autoestima e "sem saída".

O trabalho também ocupa papel central no imaginário e no desejo dessas adolescentes. Trabalhar fora é visto como uma porta de saída da situação atual e uma forma de se sentirem mais valorizadas, conseguirem sua independência e realizarem a promessa, que fizeram a si próprias, de retomar os estudos e seguirem até o ensino superior. Como vimos, aceitam qualquer coisa, "até trabalhar em serviços de limpeza". Apesar do grande sonho ser o retorno aos estudos, sentem-se muito despreparadas, como afirmam Eliane e Márcia.

> A dificuldade já começa por aí, porque a gente não tem um preparo desde pequeno pra crescer com a cabeça formada pra fazer uma prova pra conseguir uma faculdade. Todo mundo no dia fica nervoso, né? Fica nervoso, com a impressão de que vai errar tudo. Com ansiedade (...). Esses cursinhos preparatórios são bons, mas e quem não tem condições de fazer? (Eliane)
>
> Realmente, pra quem faz o Enem, é ótimo preparar tudo. Eles poderiam ou aumentar o horário, passar pra seis horas de prova pelo menos, porque eu acho que aquele horário é muito pouco pra cada questão de Português (...) ou então diminuir pelo menos a quantidade de questões, porque isso nos dificulta (...).

> Então, tem horas que você nem lê, faz logo porque vai acabar o tempo, aquela pressão toda (Márcia).

6.2 Jovens mulheres de 19 anos a 24 anos de trajetória atípica

Esta subseção analisa o conteúdo das expressões e falas de dezesseis jovens mulheres entre 19 anos e 24 anos que apresentaram trajetória escolar atípica. São jovens que não estavam estudando, só trabalhavam ou estavam procurando trabalho ou não estudavam e nem trabalhavam. Em relação à escolaridade, todas as participantes tinham concluído o ensino médio, mas, ou nunca tinham ingressado na graduação ou já haviam começado a graduação e precisaram interromper.

Conforme se observa pelas informações contidas no quadro 5, os elementos centrais da representação social das rotinas/cotidiano das jovens desse grupo foram agrupados em três categorias: família, trabalho e estudo. São as mesmas categorias do grupo das adolescentes de trajetória atípica de 15 anos a 18 anos. Como será mostrado a seguir, a análise de conteúdo encontrou muita semelhança entre esses dois grupos. No âmbito da categoria família encontram-se onze palavras que passaram nos critérios saliência e relevância. Na categoria trabalho são sete; e na categoria estudo, cinco palavras.

QUADRO 5

Grupo feminino de 19 anos a 24 anos (trajetória atípica): categorias e palavras que passaram nos critérios saliência e relevância

Família	Trabalho	Estudo
Filhos	Trabalhar	Formação
Solteira	Emprego	Curso
Mãe	Estabilidade	Escola
Pai	Qualificação	Superior
Família	Estabilidade	Técnico
Casa	Cargo	
Casada/casamento	Currículo	
Irmãos		
Ex-marido		
Marido		
Separada		

Elaboração das autoras.

6.2.1 A rotina: cuidados de crianças e afazeres domésticos

A exemplo do grupo das adolescentes, analisado na subseção anterior, a principal ocupação cotidiana das jovens desse grupo são os afazeres domésticos e o cuidado de crianças no domicílio, funções normalmente desempenhadas para que outras pessoas da família tenham condições de trabalhar e prover o sustento dos moradores do domicílio. Entretanto, diferentemente das adolescentes, verificou-se, nesse grupo, que é maior o número das jovens com filhos, em geral, fora da estrutura formal do casamento, e residindo com os pais.

Algumas acumulam também atividades profissionais, o que aumenta consideravelmente a sobrecarga de tarefas diárias, fazendo-as conciliar vida familiar e trabalho. No entanto, a maior parte dessas jovens também declarou estar à procura de trabalho e manifestou sensação de cansaço ou insatisfação com suas atuais realidades cotidianas. Alimentam o sonho de retomar os estudos, que foram interrompidos por gravidez, por necessidade de se envolver em tarefas domésticas e de cuidados, falta de recursos financeiros e necessidade de trabalhar para compor o orçamento familiar.

> Pela manhã, eu ajeito minha filha, espero dar a hora de levar ela para escola; ajudo minha mãe dentro de casa; quando aparece unha, eu vou e faço. Levo ela para escola à tarde. Durante a tarde vou fazer meus deveres de casa, né, lavar a roupa, vou arrumar a casa, (...) coisa que menina faz, vou buscar ela, à noite, ela dorme cedo. Meu dia é isso (Bárbara).

> O meu dia é assim: eu já acordo na agonia para fazer a tarefa da minha sobrinha. Eu tenho uma sobrinha de oito anos e eu ajudo. Como eu estou sem fazer nada por enquanto, eu ajudo minha mãe com ela. Aí é mais assim, serviço de casa, ajudo minha sobrinha a fazer a tarefa, aí vou dar banho nela, ajeito ela para escola (Clareana).

> Eu sou mãe solteira, agora é tão bom criança, cuidar, mas eu tenho que fazer tudinho as coisas da casa, almoço, limpar. Agora, eu só posso fazer quando ele dorme, porque ele não me deixa fazer nada (Aline).

Algumas jovens conciliam os afazeres domésticos com o cuidado dos filhos e o trabalho remunerado. Mas isso só é possível quando podem contar com o suporte de alguém na família que fique com seus filhos enquanto trabalham. Esse é o caso da Vera, que pode contar com sua tia para cuidar da sua filha enquanto trabalha. Ainda assim, a rotina é dura porque é sozinha e, quando volta do trabalho, busca a filha e vai fazer as tarefas domésticas.

> Eu tenho 22 anos e tenho uma filha de 2 anos. Moramos só eu e ela. Eu trabalho em um *call center*, quando eu vou para o trabalho, eu pego minha filha e a deixo na casa da tia (...) quando volto do trabalho, vou buscar ela. E é isso, sou eu que faço tudo em casa, eu que cuido de tudo (Vera).

Também é possível conciliar quando é um trabalho de meio período, em que o salário é insuficiente, mas importante para contribuir para a sobrevivência do grupo familiar.

> Minha filha dorme muito tarde e acorda tarde também, ela tem 2 anos. Mas é até bom. Meu trabalho são só cinco horas, e o dinheiro também não compensa. É diferença de uma hora e você não recebe o salário completo e não recebe *ticket* alimentação (Laís).

Mesmo assim, Vera e Laís têm mais sorte que Anailde, que enfrenta dificuldades até para sair para entregar currículos. Ademais, há dias que não consegue ir em busca de emprego porque não tem sequer o dinheiro das passagens.

> É, eu cuido da minha filha, e tem dia que eu vou entregar currículo. No Atacadão, já levei uns dez. E às vezes é ruim deixar ela. Eu peço pra minha mãe: Ah, mãinha, olha ela pra mim. Aí minha mãe fala: Quem pariu Mateus que balance. Eu digo: Mas eu vou, atrás de emprego. Aí ela diz: Ah, então vai, eu olho a menina. Tem dia que dá, mas tem dia que não tem como eu ir. Até por conta de passagem, essas coisas também, nem todo dia a gente tem dinheiro para estar saindo de ônibus, não tem (Anailde).

Os relatos das jovens desse grupo sobre suas rotinas destacam o peso dos afazeres domésticos e das responsabilidades com os cuidados dos próprios filhos ou com outras crianças moradoras no domicílio. São jovens solteiras ou separadas, com filhos pequenos e extremamente dependentes do suporte de suas famílias. A dependência se dá na forma

material, quando não trabalham e ainda vivem na casa dos pais. Quando trabalham fora do domicílio, a dependência é de suporte e ajuda com os cuidados de seus filhos, pois, nesse caso, o trabalho fora do domicílio só se torna possível se puderem contar com o apoio de terceiros para cuidarem de suas crianças enquanto trabalham.

De acordo com Rocha, Macedo e Figueiredo (2015), as jovens que têm filhos apresentam maior dificuldade em conciliar trabalho, estudo e vida familiar. Um dos mecanismos de assistência à juventude com filhos seria o acesso à creche. Entretanto, as autoras chamaram atenção para a existência de um grande percentual de jovens – mais da metade em 2015 – que ainda mantinha seus filhos fora da creche. Analisando conjuntamente a renda domiciliar *per capita* com a proporção dos jovens que deixavam seus filhos em creches, as autoras encontraram que, quanto maior a renda, maior era o acesso às creches. A ampliação da oferta de creches seria uma política pública fundamental para dar oportunidades às jovens de retomarem suas trajetórias de estudo e trabalho.

6.2.2 O sonho de cursar faculdade e seus desafios

Por parte das jovens desse grupo, são muitos os relatos sobre as tentativas de cursar o ensino superior e sobre sonhos de cursos que gostariam de fazer. No entanto, para chegarem à faculdade, precisam enfrentar muitos e enormes desafios. O primeiro deles é conseguir entrar. O segundo é conseguir permanecer.

> Meu sonho é entrar na faculdade, conseguir cursar odontologia, que vai demorar bastante. E enquanto estiver cursando, provavelmente, vou trabalhar, ver se arrumo outro emprego, porque o contrato desse que eu estou vai acabar. Preciso de emprego para conseguir me manter, né, eu e minha mãe, porque minha mãe está desempregada. Para, depois, quem sabe, conseguir um emprego na área da odontologia (Laís).

> Um sonho que tenho é voltar para área de direito, fazer concurso, me tornar promotora de justiça, com base de salário entre R$ 15 mil a R$ 20 mil, um salário de um promotor de justiça (Anailde).

> Meu sonho é poder voltar a estudar de novo, né. Fazer a faculdade de advocacia. Estudar mais ainda para ser uma desembargadora. A gente tem que sonhar

> alto. O salário suficiente para manter minha casa, poder dar um futuro melhor pra minha filha e ajudar minha família (Sueli).

Para realizarem o sonho de entrar na universidade, as jovens reconhecem que necessitam ter acesso a um curso pré-vestibular, pois precisam lidar com as falhas de conteúdos educacionais não vistos no ensino médio cursado em escolas públicas, nem sempre de boa qualidade. Porém, o cursinho também é muito caro, e muitas vezes inacessível.

> No momento o que está me impedindo de entrar na faculdade é eu entrar, realmente, num pré-vestibular bom para eu passar, porque eu estudo em casa, mas eu tenho muitas dúvidas que nem sempre consigo tirar. Eu falo com um ou com outro, mas nem sempre eu consigo tirar minhas dúvidas. Porque nos pré-vestibulares, é absurdo! Uma matéria é duzentos reais. Você vai fazer dez matérias, vai dar dois mil reais só de pré-vestibular. Então não tem condição (Laís).

> Desde oportunidade financeira até de estudos, eu não me sinto preparada para nenhum desses vestibulares que estão acontecendo. Tenho uma esperança é de entrar na universidade pública, mas é difícil sem cursinho (Gabriela).

Algumas jovens pararam no meio do caminho, não conseguiram sequer tentar acessar a faculdade e tiveram que postergar seus sonhos para após os filhos crescerem. Então, sonham em encontrar um trabalho que lhes ajude a pagar a faculdade e ainda sustentar seu (sua) filho (a).

> A felicidade de entrar na faculdade, eu não tive, porque quando terminei o ensino médio eu engravidei. A minha vontade era fazer faculdade de direito (...) Mas aí, esse sonho foi embora. Agora é só cuidar da minha filha, trabalhar para ela, né? Espero que ela reconheça aquilo que eu fiz para ela, que é o que toda mãe espera de um filho, né, reconhecimento (Maria Rita).

> Meu pai faleceu. Eu não fui criada pela minha mãe. Eu moro com a minha avó desde pequena. Depois do ensino médio, eu tentei entrar na faculdade, de forma gratuita, não consegui. Aí apareceu o jovem aprendiz. Eu fiz, comecei a ganhar um dinheirinho. Minha avó se sacrificava para me ajudar, mas aí eu perdi o emprego e não consegui mais estudar. Eu tinha que ajudar mais em casa, né? Já fiquei adulta, e é isso (Ângela).

Para aquelas que conseguiram passar no vestibular, era preciso encontrar formas de permanecer na universidade. E é sempre com tom de pesar que as jovens desse grupo relataram os motivos que as levaram a abandonar o ensino superior. Problemas familiares, falta de dinheiro, perda do emprego que viabilizava o pagamento da mensalidade e gravidez não planejada foram alguns dos principais motivos citados para o abandono do ensino superior.

Rebeca e Juliana interromperam a faculdade para cuidar de seus filhos, que chegaram em suas vidas quando já frequentavam o ensino superior.

> Parei os estudos depois que tive meu menino, quer dizer, só terminei o segundo ano da faculdade. Mas eu pretendo voltar. Não trabalho, fico em casa, faço tudo em casa, porque trabalha minha mãe, meu pai, meu irmão trabalhava, era mecânico, desempregou esses dias. (...) estou solteira. Deixei o pai do meu filho vai fazer um ano, assim que ele nasceu (Rebeca).

> Eu parei, mas voltei no ano seguinte. Foi difícil, porque eu chegava na escola e quando eu olhava, estava tudo aqui, o peito incha, aí o leite vaza. Aí chegava na faculdade já melecada de leite. (...) algum amigo que morasse perto ia pegar uma blusa para eu vestir por cima, para poder assistir a aula. Aí tinha dia que eu precisava cobrir o peito, porque inchava. Aí eu não copiava, alguém copiava. Aí depois eu tirava uma foto e depois copiava em casa. Foi muito complicado (Juliana).

Outras jovens, mesmo tendo acesso a programas como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) e o Programa Universidade para Todos (Prouni), relataram, com tristeza, que precisaram interromper a faculdade por falta de dinheiro para arcar com a mensalidade e outros custos, como transporte, livros e fotocópias.

> Eu comecei minha faculdade, mas eu fiz pelo Fies, eu tranquei porque eu fiquei desempregada. E eu não tinha ajuda da minha mãe, nem do meu pai, com as despesas. Porque a faculdade em si não é só a mensalidade, é passagem, é lanche, xerox, livros (Josete).

> Eu consegui uma bolsa de cinquenta por cento pelo Prouni, aí eu pagava só metade, mas eu não tive mais condição de pagar. A gente se apertou muito lá

> em casa, porque lá só quem trabalha é o meu padrasto. Aí é pouco pra a gente. Meu irmão me dava uma ajuda com a passagem, às vezes também faltava uma parte na mensalidade, e ele dava. Aí acabou que a gente se apertou muito. Por isso que eu estou correndo atrás de um emprego, para poder conseguir voltar (Sônia).

> No meu caso, o meu curso na faculdade custava R$ 800, não, era quase R$ 900, e eu pagava R$ 437. Para outras pessoas de lá isso não era caro. Mas para quem mora com quatro pessoas dentro de casa, só com um salário de R$ 1.800, não tem condição de tirar R$ 437 para pagar uma mensalidade, fora passagem. fora xerox, fora alimentação, material e caderno (Dirce).

6.2.3 Conseguir um bom emprego é o principal desejo no curto prazo

Conseguir um trabalho remunerado que lhes possibilite ter dinheiro para comprar suas próprias coisas, cuidar de seus filhos e alcançar sua independência é o principal desejo da maioria das jovens desse grupo. Em geral, são jovens que estavam estudando, trabalhando e se preparando para entrar na faculdade e no mercado de trabalho, ou, ainda, já estavam cursando o ensino superior. No entanto, precisaram interromper essa trajetória devido à gravidez não planejada, à chegada de novo filho ou por problemas financeiros. Questões que não só as deixaram dependentes de outras pessoas como também fizeram com que assumissem as responsabilidades pelos afazeres domésticos – ocupação que não gostam de desempenhar por tempo prolongado.

Muitas jovens relataram sentir saudades de um tempo em que tinham liberdade para estudar e trabalhar, eram mais livres e independentes, tinham conta bancária e conseguiam arcar com suas próprias despesas.

> Muitas vezes eu queria comprar minhas coisas e não tinha o dinheiro. Quando eu comecei a trabalhar era uma felicidade. Eu não sabia mexer nada de banco, então comecei a aprender, que eu sempre quis aprender a mexer nesse negócio de banco. Essas coisas da parte financeira mesmo. Porque eu conseguia comprar minhas coisas, não precisava pedir dinheiro a minha mãe. Eu saia assim para comprar comida. Eu ficava muito orgulhosa porque eu saia da escola e ia

> para o trabalho, chegava cansada, mas eu ficava tão feliz. Eu agradeci tanto a Deus que foi muito bom aquilo. Mas acabou (Rebeca).

> Quando eu fiz 18 anos, eu comecei a trabalhar numa empresa telefônica. Era muito bom. Era carteira assinada. Quando eu batia minhas metas, eu ainda recebia um dinheiro a mais do que o meu salário. Fazia hora extra e recebia mais. Eu tinha o meu *ticket*, tinha tudo. Eu ainda fiz um curso pela empresa. Só que só era besteira, sabe, mas era bom, eu ia de manhã para o curso e de lá eu ia trabalhar (Juliana).

Procurar trabalho, participar de entrevistas e entregar currículos são atividades que integram a rotina da maioria dessas jovens. Por serem jovens, mulheres, mães, com pouca qualificação e experiência profissional, enfrentam muitas dificuldades nesse processo. Morar na periferia é, segundo elas, um grande obstáculo. Primeiro pelo valor da passagem que tem que ser gasto para o deslocamento diário de casa-trabalho-casa. Segundo, porque muitas empresas preferem contratar pessoas que moram próximas do local de trabalho.

> Eu fiz uma entrevista para jovem aprendiz, estou esperando me ligarem. É uma empresa de ônibus, para trabalhar tanto em administrativo, como em RH. É lá em Olinda (...). Aí é tão longe, que você já fica pensando se vai dar certo. Mas, se é a única oportunidade que apareceu, você tem que correr atrás (Sônia).

> Dependendo da região, o valor da passagem é diferente. Aí se você morar nessa região aqui e for procurar um emprego do outro lado, a empresa não vai querer pagar aquele tanto de passagem. São duas passagens. Eles querem economizar, aí escolhem uma pessoa que mora mais próximo. Tem gente que mente para pode levar o emprego. Diz que mora em outro lugar. Mas aí você acaba sendo prejudicada, porque se você for contratada, você não reside naquele endereço que você disse (Gabriela).

Muitas jovens se sentem despreparadas para participar de entrevistas de emprego, acreditando que suas qualificações não são suficientes para conseguirem a vaga ofertada. Mesmo assim, não desistem e continuam cotidianamente a mesma busca por um trabalho. Porém, os insucessos acabam afetando a autoestima dessas jovens. Interessante notar que

as próprias jovens fornecem excelentes dicas de políticas públicas que poderiam apoiá-las na busca por emprego.

A Sônia, por exemplo, formulou uma demanda governamental de oferta de *workshops* de oratórias para que os jovens possam aprender como se expressar melhor no momento das entrevistas. A Rebeca, por sua vez, propõe que as empresas estabeleçam um período de treinamento no local de trabalho para os jovens que não têm experiência anterior. No final do período de treinamento, as empresas avaliariam se o jovem aprendeu o "serviço" e então decidiria ou não pela sua contratação.

> O governo deveria fazer uns *workshops* assim, tipo de oratória, para ajudar a gente a se expressar, a falar. A gente vê que aqui falta muito isso. Às vezes, a gente até tem capacidade, mas infelizmente chega na entrevista não sabe se expressar e fica perdida. É bom no que faz, mas na hora se perde, porque não tem esse preparo. E na primeira entrevista a gente já tem que mostrar tudo que a gente é, mas a gente não consegue mostrar isso e eles não dão outra oportunidade. Às vezes é isso também que impede, porque vai que a gente não esteja num dia bom, vai que esteja acontecendo vários problemas. Acho que essas coisas que impedem a gente (Sônia).

> Eu saio toda semana para entregar currículo, mas nunca consigo trabalho porque eu não tenho experiência noutras áreas, só em *call center*. E *call center* é um lugar que você não precisa de experiência para trabalhar, e aí complica. Mas eu acho que dar oportunidade para pessoas que não têm experiência ainda é muito complicado. A gente tem força de vontade para procurar, e ninguém nasce sabendo, todo mundo tem que aprender, e eles não dão essa chance. Podia ter um treinamento na empresa e, no final, se a gente se saísse bem, seria contratada. Mas não tem isso (Camila).

Algumas jovens relataram sofrer preconceitos no momento das entrevistas. Preconceito pela aparência e por serem mães solteiras. A Gabriela contou que passou na entrevista para trabalhar em um restaurante, mas devido à tatuagem não foi alocada para trabalhar no atendimento direto ao cliente. Por sua vez, a Bárbara e a Juliana sentiram que foram discriminadas por terem filhos e não serem casadas.

> Eu fui à agência de trabalho e eles me deram a carta. Eu passei na entrevista para trabalhar em um grande restaurante, mas chegou lá eles começaram a falar outra coisa, e discriminaram as pessoas que tinham tatuagem. Falavam coisas que não precisavam ter falado. Olha, vocês vão ficar na cozinha porque vocês têm tatuagem, que se vocês quisessem um futuro não teriam feito tatuagem. Aí, eu: como assim? (Gabriela)

> Às vezes não é nem aparência. Por exemplo, eu sou solteira, mas eu tenho uma filha, isso para mim já é difícil até para fazer amizade. Eles te olham e já pensam assim: É solteira e já tem uma filha. Aí já não se aproximam mais. Para emprego, eles pensam assim: É só ela e a criança, se acontecer alguma coisa ela vai ter que faltar. Aí não querem dar oportunidade. Quando é que eu vou mostrar o que eu sei fazer se eles não me dão oportunidade? (Barbara)

> É verdade. Principalmente, solteira com filho. Então eles pensam: Já que é solteira e o pai é ausente, se acontecer alguma coisa com o filho, ela vai ter que largar o emprego. Aí já é muito mais difícil (Juliana).

6.2.4 Sentimentos de inferioridade, rejeição e desânimo

Após tantas entrevistas e tentativas frustradas para conseguir um emprego, algumas jovens passam a se sentir rejeitadas, inferiorizadas, desmotivadas e desanimadas. Começam a acreditar que não existe emprego para elas e reduzem suas expectativas e sonhos para o futuro.

> Eu me sinto esquecida pela falta de oportunidade, porque muitas vezes a gente está ali, mas eles parecem que não enxergam. Em outras palavras, é como se eu fosse invisível. Ou esquecida. Não é porque eu sou coitada, não, é difícil pra todo mundo essa questão de ser como se fosse invisível. Eu estou ali tentando, mas ninguém aposta em mim, ninguém acredita em mim (Rebeca).

> Eu sonhei pequeno, estou ficando desmotivada até para sonhar. Quero muito ficar na área de construção, já fiz um curso de alvenaria, fiquei estagiando numa obra, só eu de mulher, os homens tudo olhando. Mas a área que eu quero é segurança do trabalho (Dirce).

> A gente olha para as circunstâncias e acaba se sentindo incapaz. Em algum momento a gente sabe que é capaz de conseguir se a gente se esforçar, mas vem aquele desânimo, e não tem ninguém para apoiar. Isso no meu caso. Não vejo muito apoio. Acho que o meu problema é esse (Ângela).

6.2.5 Síntese dos elementos centrais da representação social de trabalho e estudo das jovens de 19 anos a 24 anos

A análise de conteúdo desse grupo confirmou que a família, o trabalho e o estudo são, de fato, os elementos do núcleo central da vida cotidiana das jovens de 19 anos a 24 anos de trajetória atípica. A família é o espaço onde a vida dessas jovens acontece. Há uma relação de dependência, que elas sonham em romper. Muitas dessas jovens já tinham iniciado a transição escola-trabalho-faculdade e se viram obrigadas a interromper esse percurso para ocuparem o lugar de "cuidadoras" e de "responsáveis pelos afazeres domésticos".

Assim, além da família, que é um elemento fundamental na representação social, o trabalho também ocupa um espaço central no cotidiano dessas jovens. É por meio da busca incessante para conquistar um lugar no mercado de trabalho que essas jovens tentam romper com a dependência familiar e com o lugar que ocupam na dinâmica da família.

Finalmente, a terceira categoria do núcleo central, o estudo, mostrou-se muito importante na vida dessas jovens. Embora não estejam estudando, o retorno aos estudos habita os sonhos e as expectativas das jovens. Entrar ou retomar a faculdade faz parte dos seus planos de médio prazo. Reconhecem as dificuldades financeiras e a falta de suporte familiar, mas voltar a estudar é o caminho promissor que poderá levá-las para longe do lugar que ocupam no presente.

Enfrentam, no entanto, tantos desafios, dificuldades e insucessos em suas tentativas de conseguir um trabalho remunerado que lhes faculte retomar os estudos, que ficam desanimadas, desmotivadas e sentem-se rejeitadas. Isso tudo faz com que reduzam suas expectativas para o futuro.

7 CONCLUSÃO

Esta análise buscou compreender o conteúdo e a estrutura da representação social do estudo e do trabalho na vida cotidiana de jovens integrantes de famílias de classes populares na faixa etárias de 15 anos a 24 anos. Como visto, o desejo de retomar os estudos, para aqueles que estavam sem estudar, ou de continuar estudando, para os que frequentavam a escola ou o ensino superior, foram pensamentos presentes na fala de todos os jovens, independentemente da faixa etária, do sexo e da trajetória escolar que estivesse sendo percorrida.

Inquietações e preocupações relacionadas aos estudos foram percebidas em todos os grupos analisados. Para os jovens que estavam estudando, as preocupações eram relacionadas com o desempenho, com as escolhas profissionais e com as formas e estratégias viabilizadoras para a permanência na escola/faculdade. Por sua vez, para aqueles que tiveram que abandonar ou interromper a trajetória escolar, a inquietude com os estudos continua na forma de desejo de retomar em breve suas trajetórias escolares.

Independentemente da faixa etária, sexo e grau de escolaridade alcançado, para os jovens pesquisados a possibilidade de continuar estudando é a chave que poderia abrir-lhes a porta e elevar o patamar social em que eles e suas famílias se encontram. Para os jovens que estavam conseguindo trilhar um percurso escolar bem-sucedido, sem evasões ou repetências, a entrada na faculdade e a escolha profissional são sonhos compartilhados pela família.

É uma aposta dos pais na realização do sonho de ter um(a) filho(a) formado(a). Um sacrifício que a família faz no presente por acreditar que a formação superior do filho poderá mudar o *status* social de toda a família. Grande parte dos jovens pesquisados que frequentavam a faculdade eram os primeiros de suas famílias que conseguiram ascender a esse nível de ensino. Por essa razão, sentiam um grande peso e uma imensa responsabilidade de não decepcionar ou frustrar os sonhos da família. De alguma forma, esse sentimento demonstrou ser um dos pilares que os ajudavam a não desistir ou abandonar o percurso escolar até a conclusão do ensino superior.

O elemento central família mostrou-se muito importante para os dois grupos femininos de trajetória atípica. As rotinas das adolescentes, por exemplo, transcorriam no âmbito doméstico.

Sem estudar e sem trabalhar, passavam o dia envolvidas em responsabilidades "do lar". Ao se dedicarem aos cuidados de sobrinhos, primos e irmãos mais novos, as adolescentes viabilizavam que outros membros da família pudessem trabalhar fora do domicílio. Vista sob essa ótica, a situação em que se encontram – sem estudar e sem trabalhar – é funcional para a estratégia familiar de aquisição de renda para a sobrevivência da família. Essas jovens, no entanto, sentem-se entediadas, excluídas e sonham em retomar suas trajetórias de estudo e trabalho.

Entre as jovens adultas com percurso atípico, na faixa etária entre 19 anos e 24 anos, muitas já tinham seus próprios filhos fora da estrutura do casamento. A maioria não contava com companheiros para dividir as despesas e os cuidados. Sentiam-se desvalorizadas pelo lugar que ocupavam no âmbito familiar, principalmente porque muitas delas já tinham tido uma história de participação no mercado de trabalho e, até mesmo, cursado alguns semestres na faculdade e tiveram que interromper esse percurso após uma gravidez não planejada. Há, entre essas jovens, um permanente movimento de busca por um trabalho remunerado que lhes permita retomar a trajetória de escolarização para, no final, alcançarem uma vida adulta autônoma e independente.

O entendimento de como as jovens das camadas populares percebem a si próprias quando, estando sem estudar e sem trabalhar, ocupam o lugar de cuidadoras e assumem os afazeres domésticos, é revelador de sentimentos de baixa autoestima, sofrimento, tédio, desânimo e rejeição. Esse aspecto evidencia a falta de apoio e de suporte social, institucional e econômico que, se existissem, poderiam proporcionar que essas jovens retomassem suas trajetórias de estudo e trabalho. Fatores sociais como dificuldades financeiras, falta de acesso a serviços de cuidados, como creches, e ausência de suporte familiar, deixam essas jovens cada vez mais distantes do mercado de trabalho e da continuidade de seus estudos.

O trabalho se mostrou muito importante para os dois grupos femininos de trajetória atípica. As adolescentes de 15 anos a 18 anos que estavam sem estudar e sem trabalhar se mostraram dispostas a aceitar qualquer tipo de trabalho, ainda que informal e mal remunerado. Para essas meninas, o que importava era conseguir qualquer "dinheirinho" que lhes permitisse comprar suas "coisinhas" e ajudar um pouco em casa. Em relação ao mercado de trabalho, no entanto, as adolescentes sentiam-se invisíveis, despreparadas e desanimadas.

As jovens adultas, entre 19 anos e 24 anos que se encontravam sem estudar e sem trabalhar, por sua vez, deram outro significado para o trabalho remunerado. Para elas, trabalhar fora do domicílio significaria viabilizar a retomada da faculdade, abandonada por problemas financeiros ou pela gravidez não planejada.

Em relação aos jovens de trajetória típica de 19 anos a 24 anos que já se encontravam cursando a faculdade, trabalhar, apesar de importante, perde em prioridade para os estudos. Para esses jovens estudar faz parte de um acordo tácito familiar, no qual a família concorda que, momentaneamente, o jovem se dedique apenas aos estudos, sacrificando a renda no presente, acreditando que depois de formados conseguirão obter rendas maiores. Apenas os domicílios com capacidade de fazer o chamado "empréstimo geracional" entre pais e filhos reúnem as condições de acessar maiores níveis educacionais. Os jovens nessa condição veem o trabalho como um elemento acessório, que os ajuda na permanência e conclusão do ensino superior.

Para os jovens que já estão nos anos finais da graduação, o trabalho é fonte de preocupação, pois o momento da "colheita" se aproxima – momento pelo qual se sacrificaram tanto. Por essa razão, passam a conviver com o medo e a insegurança de não conseguirem obter o emprego dos sonhos e de não terem seus próprios sacrifícios e os de suas famílias recompensados.

Nesse ponto, as narrativas dos jovens confirmam o terceiro conjunto de núcleo central dos jovens de trajetória típica que já conseguiram acessar o ensino superior: os sentimentos que expressam preocupação e negatividade. Ou seja, sofrem com a perspectiva de não terem seus esforços recompensados.

Como se nota, o trabalho é um elemento central na vida cotidiana dos jovens de classes populares e está presente em três dos quatro grupos estudados. Só não se configurou como núcleo central no grupo misto dos adolescentes de 15 anos a 18 anos de trajetória típica. Para os demais jovens, a categoria trabalho emerge como fonte de preocupação, ansiedade e sofrimento.

O estudo, por sua vez, esteve presente como elemento central em todos os grupos, representando a grande esperança de mobilidade social, mesmo para os jovens que se

encontravam sem estudar. Todos, independentemente da faixa etária, sexo e situação de estudo e trabalho em que se encontravam, depositavam no estudo a esperança de melhoria de suas atuais condições de vida e de mobilidade social.

Finalmente, algumas palavras precisam ser ditas sobre elementos diferenciadores encontrados entre os jovens de trajetórias típicas e atípicas. Comparando-se, em primeiro lugar, os dois grupos de adolescentes – o grupo misto de adolescentes que só estudavam e o grupo feminino, composto pelas adolescentes que se encontravam sem estudar e sem trabalhar –, a análise de conteúdo encontrou pelo menos dois elementos diferenciadores que podem ter contribuído para a realização de percursos escolares mais bem-sucedidos dos adolescentes de trajetória típica.

O primeiro elemento é o suporte familiar. Embora os adolescentes de trajetória típica, tanto os meninos como as meninas, tenham relatados problemas e conflitos familiares, muitos disseram que alguém da família – o pai, a mãe, um tio, uma tia, entre outros – os incentivava a continuar estudando. Desse modo, encontraram nessa pessoa o estímulo para não desistir ou abandonar os estudos.

Ainda considerando o contexto familiar, embora os jovens de ambos os grupos compartilhem da mesma classe social, os adolescentes de trajetória típica não relataram significativas limitações de recursos financeiros para estudar. Não existia folga financeira, mas não houve relatos de ausência de recursos para o pagamento de transporte, livros e fotocópias, por exemplo, como ocorreram no grupo das adolescentes que não estudavam e não trabalhavam.

Dessa forma, acredita-se que o suporte familiar pode, nesse caso, ter feito alguma diferença para que os adolescentes tenham conseguido manter percursos escolares mais bem-sucedidos. As adolescentes que estavam sem estudar e sem trabalhar se ressentiam de maior suporte para estudar, como dinheiro para pagar as passagens de ônibus e da possibilidade de despenderem menor tempo em cuidados de crianças da família e afazeres domésticos.

Um segundo elemento diferenciador, identificado pela análise de conteúdo, remete às habilidades socioemocionais desses dois grupos de adolescentes. O grupo dos jovens de

trajetória típica, apesar de demonstrarem sentimentos de apreensão e estresse em relação ao aprendizado e ao reconhecimento de que a escola que frequentavam era fraca e que isso poderia prejudicá-los no acesso à faculdade ou ao mercado de trabalho, não relataram problemas de autoestima, desânimo ou falta de autoconfiança nas suas habilidades para conseguirem superar esses desafios. As adolescentes que estavam sem estudar e só cuidando de coisas e pessoas no domicílio trouxeram relatos que mostravam que suas habilidades socioemocionais estavam prejudicadas pela rotina entediante.

Em relação aos dois outros grupos de jovens adultos, as diferenças marcantes são as responsabilidades familiares enfrentadas pelas jovens adultas de trajetória atípica. A maioria das jovens desse grupo são assoberbadas pelos cuidados dos filhos, que chegaram sem planejamento, e pelas responsabilidades familiares. Sem um companheiro para ajudar a suportar os custos e os cuidados com os filhos, essas jovens acabam dependentes da estrutura familiar em que vivem.

A vida delas anda em círculos. Não conseguem trabalhar ou estudar porque precisam cuidar dos filhos; e sem trabalhar e sem acesso a creches públicas não têm o que fazer com os filhos enquanto buscam emprego ou tentam retomar os estudos. Apresentam um histórico de entrevistas de emprego malsucedidas. Essa circularidade de frustrações compromete a autoestima dessas jovens, que, sem saída, se sentem desmotivadas, rejeitadas, desanimadas e desencorajadas.

Nada disso ocorre na vida dos jovens adultos – homens e mulheres – de trajetória típica que já estavam na faculdade. Para esses, a questão familiar não é um problema. As jovens desse grupo não relataram cuidados com crianças ou atividades domésticas que chegassem a atrapalhar suas trajetórias de estudo e trabalho. Casamento e filhos para os jovens adultos da trajetória típica são planejados para depois da formatura e da conquista do emprego desejado. Assim, pode se afirmar que o divisor de águas na trajetória desses dois grupos é a gravidez não planejada, que, somada à falta de suporte familiar e institucional, como as creches públicas, retirou essas jovens da trajetória já iniciada de acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho.

O objetivo deste estudo não foi a generalização dos seus resultados mas sim a identificação de elementos que ajudassem a aprofundar a compreensão dos desafios enfrentados pelos jovens de classes populares nas suas trajetórias de estudo e trabalho. Os fatores diferenciadores aqui identificados, que podem contribuir para a realização de percursos escolares bem-sucedidos foram: i) presença de suporte e incentivo familiar que suportam e estimulam a não desistência e o abandono escolar; ii) existência de recursos financeiros que permitam a frequência à escola (transporte, material escolar e alimentação); iii) redução do uso do tempo das jovens nas responsabilidades familiares e ampliação do acesso aos serviços de cuidados, como as creches públicas; iv) políticas de assistência em planejamento familiar para adolescentes e jovens de ambos os sexos, com o objetivo de reduzir a incidência de gravidez não desejada; e v) fortalecimento das habilidades socioemocionais dos jovens, como autoestima e autoconfiança.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. Les représentations sociales: aspects théoriques. *In*: ABRIC, J. C. (Ed.). **Pratiques sociales et représentations**. França, Paris: Presses Universitaires de France, 1994. p. 11-35.

AZEVEDO, W. F. *et al.* Complicações da gravidez na adolescência: revisão sistemática da literatura. **Einsten**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 618-626, jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3rceqzj>.

BRUGIM, L. A.; SHROEDER, T. M. R. O papel da família diante da evasão escolar. **Cadernos PDE**, v. 1, 2014.

COSTA J.; ROCHA, E.; SILVA, C. Voces de la juventud en Brasil: aspiraciones y prioridades. *In*: NOVELLA, R. *et al.* (Ed.). **Millennials en América Latina y el Caribe**: ¿trabajar o estudiar? [s.l.]: BID, 2018, p. 75-120.

FIGUEIREDO, B. Maternidade na adolescência: consequências e trajectórias desenvolvimentais. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 18, 2000, p. 485-499.

FORACHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

GUEDES, D. P.; LOPES, C. C. Validação da versão brasileira do Youth Risk Behavior Survey 2007. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 5, p. 840-850, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. (Estudos e Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica, n. 40).

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44.

MOURA, F. C. de; PRIOTTO, E. M. T. P; GUERIN, C. S. Álcool: uma das causas na evasão e abandono escolar do adolescente. **Revista Valore**, v. 3, p. 587-595, dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3ixR3MT>. Acesso em: 18 jun. 2020.

OLIVEIRA, R. C. **Jovens trabalhadores**: representações sobre o trabalho na contemporaneidade. 2001. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PICANÇO, A. L. B. **A relação entre escola e família**: as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. 2012. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012.

ROCHA, C. A. da. **Gravidez na adolescência e evasão escolar**. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

ROCHA, E.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016. 336 p.

ROCHA, E.; MACEDO, D. M. B. de; FIGUEIREDO, M. M. A. de. **Conciliação dos estudos, trabalho e vida familiar na juventude brasileira**. Brasília: OIT; Ipea, 2015. (Subcomitê da juventude, n. 1).

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SARTI, C. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores Associados, 1996.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

EDITORIAL

Chefe do Editorial
Reginaldo da Silva Domingos

Supervisão
Carlos Henrique Santos Vianna

Revisão
Bruna Oliveira Ranquine da Rocha
Carlos Eduardo Gonçalves de Melo
Elaine Oliveira Couto
Lis Silva Hall
Mariana Silva de Lima
Marlon Magno Abreu de Carvalho
Vivian Barros Volotão Santos
Matheus Tojeiro da Silva (estagiário)
Rebeca Raimundo Cardoso dos Santos (estagiária)

Editoração
Aline Cristine Torres da Silva Martins
Mayana Mendes de Mattos
Mayara Barros da Mota (estagiária)

Capa
Aline Cristine Torres da Silva Martins

Projeto Gráfico
Aline Cristine Torres da Silva Martins

The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.

Livraria Ipea
SBS – Quadra 1 - Bloco J - Ed. BNDES, Térreo.
70076-900 – Brasília – DF
Fone: (61) 2026-5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

ISSN 1415-4765

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL